

# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO XIV - N.º 54



ABRIL 1951

# Empresa Insulana de Navegação

Sede — Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA

Telefones: 23271/2/3 — Telegramas: BENS A ÚDE — LISBOA

CARREIRAS REGULARES ENTRE  
LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Saídas em 23 de cada mês para: Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Corvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro, só para troca de correspondência e serviços de passageiros.

---

A G E N T E S

EM LISBOA

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga

Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

Telef. 20214/15

Passagens

Rua Augusta, 152

Telef. 20216

NO PORTO

SOCIEDADE GERAL DE REPRESENTAÇÕES, L.<sup>DA</sup>

Na Madeira

BLANDY BROTHERS & C.<sup>o</sup>, L.<sup>da</sup>

Em S. Miguel

BENSAÚDE & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

**TODOS OS PRODUTOS DA  
COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS**

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,  
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,  
para bem servir os fumadores

**OCIDENTE**

REVISTA PORTUGUESA MENSAL

Fundada em 1938

Director — ÁLVARO PINTO



Preços das assinaturas por ano  
com direito aos números especiais:

Portugal . . . . . 190\$00  
Brasil . . . . . 180 cr.  
Col. Portuguesas e Espanha 190\$00  
Estrangeiro . . . . . 10 dól.



**R. de S. Felix, 41-1.º-D. — Lisboa  
PORTUGAL**

**FÁBRICA DE LOIÇA  
DE SACAVÉM, L.<sup>DA</sup>**

1850-1950  
ANO CENTENÁRIO

TEL. P.B.X. **FAIANÇAS** TEL.  
2 4958 DE LOIÇA  
2 3902 **FANTASIA** LISBOA

**E DE USO DOMÉSTICO  
LOIÇA SANITARIA E  
DE GRÉS CERAMICO  
AZULEJOS-MOSAICOS**

**A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO**

**LISBOA**

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

**PORTO** **COIMBRA**  
R. CARMELITAS, 40 R. DR. RODRIGUES, 13  
Tel. 22033 Tel. 3546

**CIMENTO TEJO**

**CANTARIAS — MÁRMORES**

**ANTÓNIO MOREIRA RATO & F.<sup>os</sup>, L.<sup>da</sup>**

Telefone 60879

Telegramas — RATOFILHOS

**Avenida 24 de Julho, 54-F.  
LISBOA**



151, RUA DO SALITRE, 155  
TELEFONE 53173/4 \* LISBOA

# COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sede - Rua do Comércio, 85 - LISBOA  
Sucursal - R. do Infante D. Henrique, 73 - PORTO

Serviço rápido de carga e passageiros para a África Ocidental, África Oriental e América do Norte

## FROTA DA C. N. N.

### NAVIOS DE PASSAGEIROS

	Tons. dw.
«Angola» . . . . .	9.550
«Moçambique» . . . . .	9.423
«Niassa» . . . . .	9.630
«India» . . . . .	7.000
«Quanza» . . . . .	6.230
«Zambésia» . . . . .	1.857
«Lurio» . . . . .	1.505
«Luabo» . . . . .	1.475
«Timor» . . . . .	7.000

### NAVIOS DE CARGA

	Tons. dw.
«Sofala» . . . . .	12.145
«Moçamedes» . . . . .	9.120
«Rovuma» . . . . .	9.100
«S. Tomé» . . . . .	9.050
«Nacala» . . . . .	3.370
«Angoche» . . . . .	1.200
«Tagus» . . . . .	1.680
«Save» . . . . .	em construção

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

# CHÁ CELESTE



SECO

# Sociedade Geral

de

## Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: **Rua do Comércio, 39** Telefone: 30551

### FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL . . .	1.504 T.	n/m COLARES . . . . .	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA . . . . .	9.437 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA . . .	2.974 T.
n/v ALCOUTIM . . . . .	10.526 T.	n/m CORUCHE . . . . .	1.370 T.
n/m ALENQUER . . . . .	9.437 T.	n/v COSTEIRO . . . . .	900 T.
n/m ALEXANDRE SILVA . . .	3.110 T.	n/v COSTEIRO SEGUNDO . .	490 T.
n/v ALFERRAREDE . . . . .	2.118 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO . .	1.426 T.
n/p ALFREDO DA SILVA . . .	3.643 T.	n/m COVILHÃ . . . . .	1.376 T.
n/m ALMEIRIM . . . . .	9.437 T.	n/v CUNENE . . . . .	9.800 T.
n/v AMARANTE . . . . .	12.595 T.	n/v FOCA . . . . .	2.018 T.
n/m AMBRIZETE . . . . .	9.100 T.	n/v INHAMBANE . . . . .	9.619 T.
n/m ANDULO . . . . .	9.100 T.	n/v LUSO . . . . .	10.125 T.
n/m ANTONIO CARLOS . . . .	2.974 T.	n/v MARIA AMÉLIA . . . . .	3.005 T.
n/m ARRAIOLOS . . . . .	9.437 T.	n/v MELLO . . . . .	6.253 T.
n/m BELAS . . . . .	7.110 T.	n/v MIRANDELA . . . . .	7.900 T.
n/m BORBA . . . . .	7.145 T.	n/m SÃO MACÁRIO . . . . .	1.221 T.
n/m BRAGA . . . . .	7.110 T.	n/v SAUDADES . . . . .	6.430 T.
n/m BRAGANÇA . . . . .	7.110 T.	n/v SILVA GOUVEIA . . . . .	1.363 T.
n/m CARTAXO . . . . .	1.376 T.	n/v ZÉ MANEL . . . . .	1.220 T.

#### REBOCADORES:

«ÁFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,  
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO» «SOURE»

#### LANCHAS A MOTOR:

«GAROTA», «BOLHÃO», «MAQUELA»,  
«CAROCHA»

34 Batelões (19 de 500 T., 13 de 400 T. e 2 de 250 T.)

24 Fragatas de (2.150 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m<sup>3</sup> cada

#### EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 3.600 T. e para 52 passageiros cada

2 rebocadores de 1.200 T. cada.

#### CARREIRAS DE LISBOA PARA:

**NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINÉ • ANGOLA**  
**ARGENTINA • CHILE • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA**  
**GROENLANDIA E COSTA DE PORTUGAL**

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO  
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL  
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO  
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

AMIGOS DE LISBOA

Para efectuaem os seus Seguros, prefiram a conhecida Companhia Inglesa

**LEGAL & GENERAL**

com Sede em PORTUGAL na

Avenida dos Aliados, 58 — PORTO

Em LISBOA

Rua do Alecrim, 38-2.º

**FOGO — ACIDENTES PESSOAIS — CRISTAIS**



**Camilo Castelo Branco**

O mais apreciado e o mais português  
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras  
em **80** volumes

Conheça, Leia, Aprecie Divulgue

**CAMILO**

EDIÇÕES DA

**PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA**

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. telegr. PARCEPEREIRA

**COMPRAMOS**

LIVROS DE BONS AUTORES



GRANDES E  
PEQUENAS  
QUANTIDADES



Livraria Garrett, 36

L I S B O A

**Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup>**

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO  
DESENHO

**T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 21368 21227**

# ≡≡≡ PÉROLA DO ROCIO, L.<sup>DA</sup>

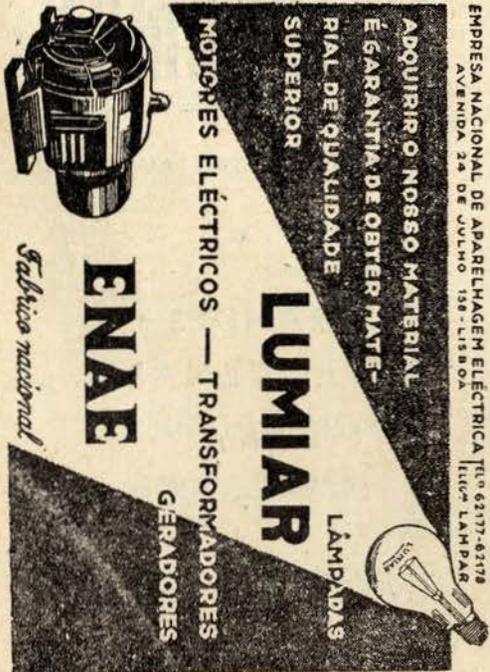
ENVIO DE ENCOMENDAS

Para todo o País e Estrangeiro

**Rocio, 105-Lisboa**

Casa especializada em Chá,  
Café, Bolacha, Bombons  
e Chocolates

**Telefone 20744**



**ENAE**  
*Fabrica nacional*

**LUMIAR**  
LÂMPADAS

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL  
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL  
SUPERIOR

MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES  
GERADORES

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA T<sup>el</sup> 63177-63178  
AVENIDA 24 DE JULHO 158-LISBOA

## ATENÇÃO

A OURIVESARIA

**Miguel A. Fraga, L.<sup>da</sup>**

RUA DA PALMA, 26-28

Participa aos seus amigos e  
Clientes que já se encontra  
nas novas instalações, no

**PAVILHÃO DOS OURIVES**

Largo Martim Moniz, 18

onde continua a vender,  
OURO, PRATA E JÓIAS  
a baixos preços.

— Telefone 2 8503 —

## VIDROS E CRISTAIS

Especializada no fabrico de vidros para iluminação  
e de frascaria para perfumaria a laboratórios

**GAIVOTAS, L.<sup>DA</sup>**

FÁBRICA FUNDADA EM 1881

Rua das Gaivotas, 10 a 24

Telefone P. B. X. { 63176  
63177

Oferta

27. JUL. 1988

# OLISIPO

B O L E T I M T R I M E S T R A L

ANO XIV

ABRIL DE 1951

NÚMERO 54

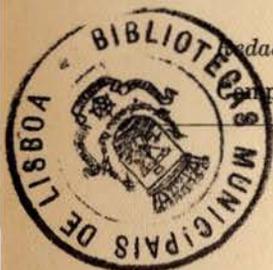
DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

*Edição e Propriedade do*

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

*Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711*

*Imp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155*



## SUMÁRIO

*Mestre Vieira da Silva †*

Vieira da Silva, por *Matos Sequeira*.

Recordando, por *Julieta Ferrão*.

Notas biográficas sobre o Eng. Vieira da Silva, por *Hugo Raposo*.

Vieira da Silva, por *Norberto de Araújo*.

Nota acerca da Igreja «Do Colèginho», por *J. M. Cordeiro de Sousa*.

Breve História do Hospital Militar de Campolide, pelo *Major Eugénio*

*Sobreiro de Figueiredo e Silva*.

Esta Lisboa das sete colinas..., por *Ferreira de Andrade*.

S. Carlos Fim do Século, por *Sidónio Miguel*.

Grupo «Amigos de Lisboa» — Assembleia Geral de 1951 — Relatórios.

Ação Cultural do Grupo «Amigos de Lisboa» durante o ano de 1950.

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*

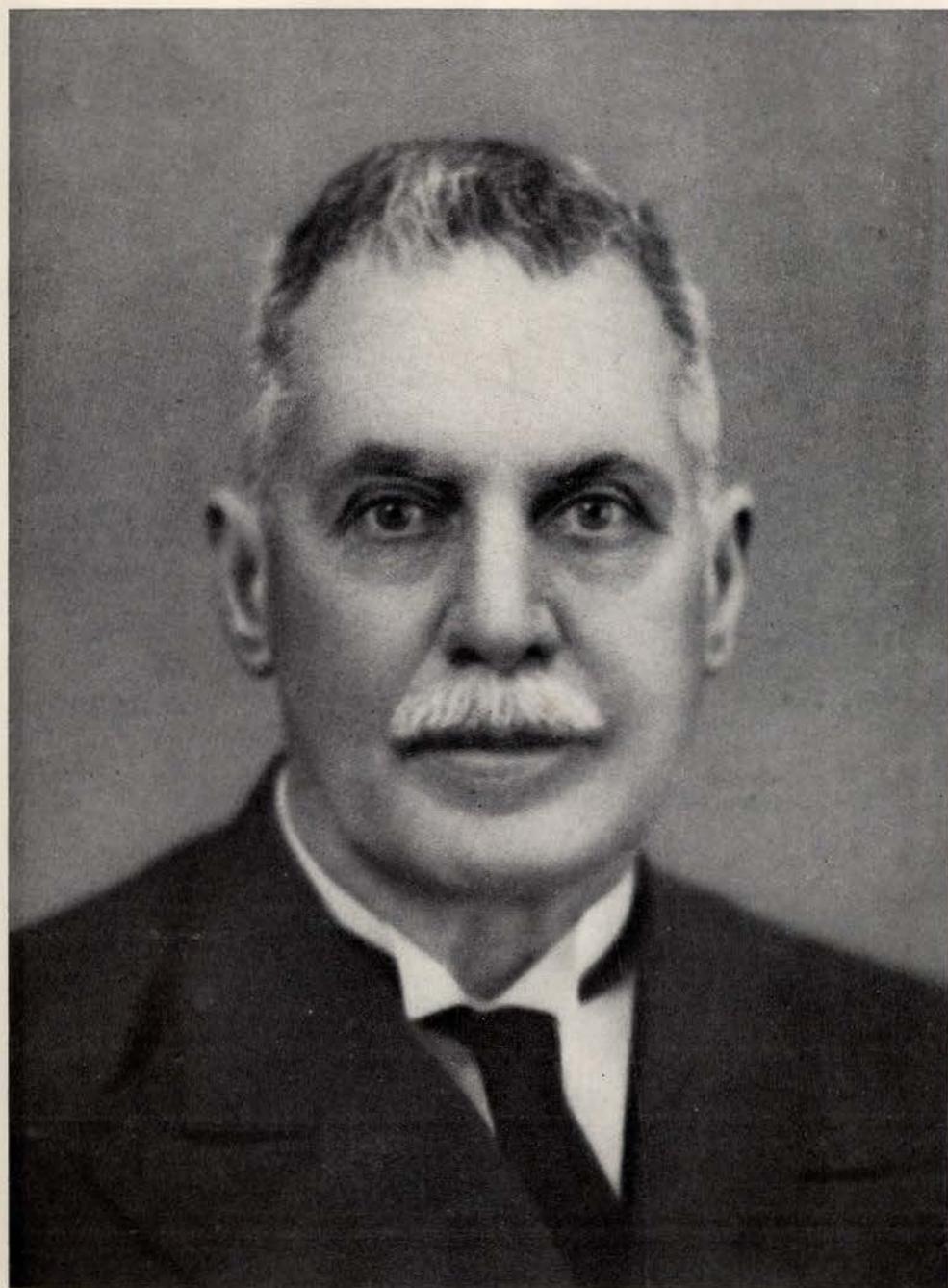


---

MESTRE  
VIEIRA DA SILVA

---





Engenheiro Augusto Vieira da Silva

# VIEIRA DA SILVA

por MATOS SEQUEIRA

VIEIRA DA SILVA — o maior dos cronistas de Lisboa, na mais alta categoria dos seus Amigos — deixou-nos para sempre. A mão do Mestre parou no seu admirável afã construtivo de afeiçoar, de erguer, de alicerçar sòlidamente os seus assertos e os seus pareceres. A morte, que dir-se-ia ainda muito longe dele, tanto a sua actividade nos surpreendia, tocou-lhe quando esboçava para «Lisboa — Oito Séculos de História», o capítulo do período pombalino. Foi a amar Lisboa que este seu filho dilecto, sem expansões de ternura mas com paixão reflectida, a abandonou após uma vida inteira de dedicação e de fidelidade.

Não era Vieira da Silva uma destas figuras de exteriorização que as ruas de Lisboa conheceram, e os que passavam costumavam apontar, nomeando-o; era uma figura que primava em esconder-se, que só os ambientes cultos tinham no seu conhecimento íntimo, e que vivia para o seu affecto, apurado em longos anos de trabalho, no repouso do seu gabinete de estudo, em face dos livros, dos documentos e das estampas colleccionadas durante mais de meio século. A sua palavra que a custo se ouvia nas Academias e nas salas que atraem os estudiosos — que o desejo de monologar na escrita os seus assertos e as suas verdades era muito superior à vontade de os comunicar verbalmente — equilibrava a frieza natural da aridez do assunto, com o esplendor da exacção e da revelação. De uma modéstia que não era estudada, de uma simplicidade de trato que encantava e logo convencia, de uma bondade natural, Mestre Vieira da Silva — a primeira Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Lisboa — viveu num alheamento completo dos fáceis reclamos, deixando, além de uma obra notabilíssima de historiador, adverso a conjecturas e hipóteses, e sempre ansioso da verdade, uma colecção biblio-iconográfica de Lisboa, que é outra herança preciosa. O grupo «Amigos de Lisboa», teve-o no seu seio desde a primeira hora. Era o grande nome a incluir nela. Depois do grande Júlio de Castilho, só o seu, igualmente grande, poderia escrever-se

à testa do núcleo que se propunha associar a legião dos defensores amorosos da capital. Vieira da Silva era a grande figura do cartaz que se deveria apresentar ao público, chamando-lhe os olhos para um assunto que merecia estar em foco permanente. E assim foi ele o primeiro Presidente desta agremiação. Se outros motivos não existissem — e tantos são — bastava este para nos levar a dobrar agora o joelho perante a sua memória.

Estamos ainda a vê-lo e a ouvi-lo, naquela voz baixa que soava tão alto para nós, os olhos claros a brilhar, um sorriso a desprender-se, acolhedor e afável, a confirmar ou a negar, a aplaudir ou a rejeitar, a ideia que o acaso trazia à colação, e tudo quanto exprimia no rosto ou comunicava à voz trazia uma segurança, uma convicção e uma lógica que sabiam prender e nos deixavam a consolação das certezas adquiridas.

Custa-nos, às vezes, ainda crer na perda enorme sofrida; olha-se em volta e as lombadas das suas obras, ao espreitar-nos das estantes, dir-se-iam afirmar que ele ainda está presente. É que o seu exibicionismo começa agora. Sobre o acabar de uma vida que teimou em ser apagada, diluindo-se num quase anonimato e para o grande público, é que o seu labor formidável de escritor surge na sua exuberância e no seu valor próprio, desligada do indivíduo que a trouxe agregada à sua modéstia, à sua simplicidade, e à sua proba dignidade de escritor que soube ter a virtude de não viver apenas para o seu tempo.

# RECORDANDO...

por JULIETA FERRÃO

**A**NUINDO ao pedido de escrever algo para o presente número do «Olisipo», julguei do meu dever limitar hoje a minha colaboração a uma singela homenagem à memória do saudoso olisipógrafo Augusto Vieira da Silva a quem todos devemos um imenso reconhecimento por ter sabido despertar o nosso interesse pela história e vida de Lisboa, a cidade que ele tanto amou.

Não venho falar-vos acerca do valor do engenheiro Vieira da Silva, outros mais categorizados e competentes juizes o farão nos termos devidos. Quero apenas recordar, em simples e saudosa evocação, a escassa mas tão proveitosa convivência que tive com o notável e probo historiador a quem devo grande parte do pouco que julgo saber acerca da minha Lisboa natal, pois foi através dos seus escritos olisiponenses, dos seus esclarecimentos, do seu enternecido carinho por tudo quanto se ligava à história da cidade que passei a olhar Lisboa com uma curiosidade nova.

Não fui daqueles que mais íntima e assiduamente privaram com o Mestre olisipógrafo mas todas as vezes que o importunei — e nestes últimos anos bastantes vezes recorri ao seu saber para esclarecer dúvidas que se levantavam no meu espírito acerca de problemas que por dever do cargo tinha de solucionar — encontrei sempre em Mestre Vieira da Silva uma decidida e espontânea colaboração. A sua aparência despreziosa, o seu sorriso por vezes malicioso, escondiam a sua real e incontestada competência e profundo saber e nunca se impondo, insinuava-se, no entanto, no nosso critério e ganhava a nossa inteira confiança. A lealdade dos seus esclarecimentos revelavam a probidade e honestidade em que se baseavam fundamentalmente os seus trabalhos. De uma curiosidade infatigável, o seu espírito sempre desperto levava-o antes de todos a qualquer parte onde surgisse algo de interesse para a vida passada ou presente da cidade.

É vastíssima a obra deixada por Vieira da Silva, embora uma grande parte dela esteja dispersa em revistas, boletins e jornais, e bem andaria, pois grande serviço prestaria à bibliografia da cidade, a entidade que se dispusesse a reuni-la bem como a que deixou em projecto. Desta destaco os verbetes que algumas vezes pude ver referentes à iconografia de Lisboa e de que em 1947 o notável estudioso publicou uma breve resenha na «Revista Municipal». Aí o saudoso Mestre confessava que «a inventariação e classificação desafia a paciência mais beneditina, podendo sem receio de desmentido afirmar-se que seria trabalho para uma vida inteira e a lista que se organizasse ficaria necessàriamente imperfeita». Evidentemente, a colectânea já realizada embora abrangendo centenas de verbetes está incompleta mas tal como está a sua publicação impõe-se.

No já citado artigo do n.º 32 da «Revista Municipal» o Mestre lastimava que «entre as dificuldades que avultavam para a realização das listas ou relação iconográfica de Lisboa que permitisse atingir uma quase perfeição era a falta nas nossas bibliotecas públicas dos livros a que pertencem muitas estampas que se encontram avulsas no mercado».

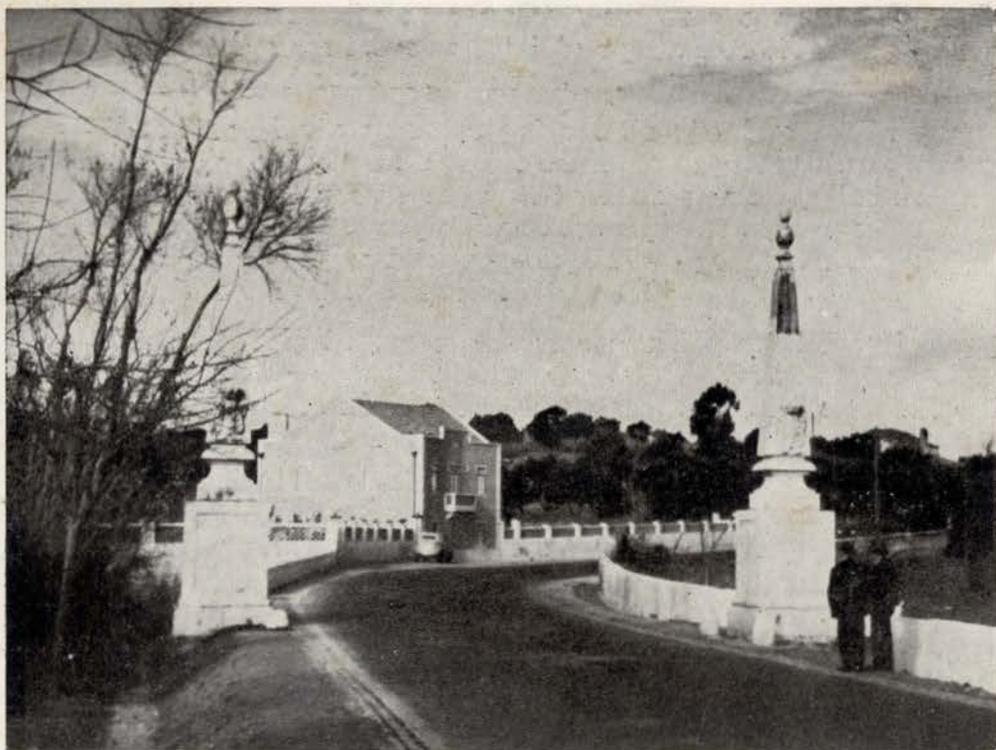
Diligenciando suprir essa falta pedia informações para o estrangeiro, mas nem sempre foi bem sucedido. No entanto, repito, o que nos deixou verbetado é tão vasto e duma tão essencial importância que não pode ficar vedado aos vindouros historiadores que desejem seguir o exemplo de Vieira da Silva: probidade, honestidade e rigor histórico, aliados a um grande amor, um devotamento constante à cidade de Lisboa que certamente saberá consagrá-lo rememorando-o em praça pública aos seus contemporâneos e aos que, depois de nós, possam sentir-se atraídos para os estudos em que o engenheiro Augusto Vieira da Silva foi Mestre.



O último retrato do Eng.º Vieira da Silva em Alverca, junto dos obeliscos demarcadores do Termo de Lisboa. Jan. 1951. Fotografia de Alberto Schmidt

O Eng.º Vieira da Silva examinando vestígios duma povoação ou necrópole luso-romana descoberta no sítio do Foço de Cortes em 1944. Fotog. de D. Julieta Ferrão





O Eng.º Vieira da Silva conferindo o texto das lápides nos obeliscos demarcadores do Termo de Lisboa, em Alverca. Jan. 1951. Fotografia de Alberto Schmidt



Pormenor do obelisco do lado sul da estrada

# NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE O ENG.º VIEIRA DA SILVA

por HUGO RAPOSO

SERÁ muito longo ainda o luto íntimo que vestem sentidamente todos aqueles que privaram com o Engenheiro Augusto Vieira da Silva e os que estruturam na sua imensa obra pesquisadora do passado, o estudo da história de Lisboa. Finou-se o investigador lisiponense da mais alta envergadura, finou-se o cidadão do mais puro civismo. À pertinácia serena do apaixonado pela sua Terra, juntava-se o carácter recto, justo e apesar de tudo, tão simples.

Tão simples, e esse foi o maior de todos os seus méritos, que dentre os que o não conheciam, conseguia apagar-se e passar despercebido. Em todos os actos públicos e solenidades em que tivemos ocasião de o encontrar, nunca o vimos na primeira fila, *nunca ficava no retrato*.

Não cabe na ligeireza nem nas dimensões próprias dum pequeno artigo — que diremos, de saudade — fazer a resenha da sua obra de cinquenta anos, nem nos chega o mérito para avaliar e ajuizar do valimento do maior espólio histórico, científico e museográfico que lisboeta algum legou jamais à sua Terra, e que chegará para ocupar os biógrafos e historiadores dos próximos séculos. Mestre Vieira da Silva ficará para a história lisbonense, como António Vieira para a oratória, ou Afonso Domingues para a arquitectura. Levanta mesmo e desde já um dilema: Vieira da Silva ou Júlio de Castilho?

Não vamos pois ocupar-nos da sua mais que prodigiosa produtividade. Na fresca saudade que ainda nos prende ao seu convívio, que casualmente foi muito íntimo nos últimos tempos da sua vida, desejamos apenas fixar aqui algumas notas que possam contribuir para formar oportunamente a sua biografia.

Nasceu a nossa maior intimidade no dia em que fomos com grande cerimónia, pedir-lhe em sua casa se quereria obsequiar-nos com a revisão de certo escrito, em que havia citações históricas de evidente

responsabilidade. O Mestre olha-nos com surpresa e, com o ar sorridente que mantinha em todas as ocasiões e para com todas as pessoas, diz-nos que não percebe muito desse assunto.

— O senhor já viu os meus peixes? Se não tem muita pressa vou-lhe mostrar aqui «umas coisas». Começámos pelos peixes, dispostos em vários aquários envidraçados, servidos por complicada aparelhagem estabilizadora da temperatura. Há espécies oriundas das mais remotas regiões do globo; alguns — explica — gozam da celebridade de terem viajado em «Constelation».

— Estes marotos às vezes dão-me o seu desgosto! Imagine que há tempo entupiu-se um tubo. No dia seguinte pela manhã estavam os peixes todos mortos no fundo deste aquário. Não há cuidados que cheguem...

Entretanto desfilamos através de dezenas de Torres de Belém: em fotografia, em pintura a óleo, em madre-pérola, em gravura, em litografia, estampada em copos, pratos e leques, em postais, em relevo cerâmico e por último, em modelo à escala, esculpida em madeiras raras, primorosamente conservada dentro duma enorme redoma! Deu-me um certo trabalho, mas consegui trazê-la cá para casa... esclarece.

Caminhamos lentamente entre as preciosidades com a dignidade com que se visita um templo. Os movimentos delicados das suas mãos, são uma lição de respeito, quando abrem um livro, quando folheiam o álbum do Rochini, quando desdobram os desenhos de Gonzaga Pereira (os originais).

Sinto-me emocionado, profundamente emocionado com esta inesperada peregrinação através da Lisboa do passado, da Lisboa que este Senhor de oitenta anos construiu dentro da sua casa, com amorosa paciência, com sábia vocação, com ternura e sacerdócio. Nós já sabíamos alguma coisa das suas colecções, mas não fazíamos contudo até então, uma ideia bastante aproximada da realidade.

O Mestre compreende perfeitamente que estamos vivamente interessado e prossegue na demonstração e explicação das suas «coisitas».

Passamos por entre Braunios, Tinocos e Stoops. Vemos Lisboa em todas as posições, em todas as épocas. O incêndio do Município, o regresso de D. João VI, o casamento de D. Pedro V, a rua dos Mercadores, as Portas da Cruz, o palácio Corte Real, a Ribeira das Naus, o «galheteiro», a revista do Benagazil, os Estaus, o noviciado da Cotovia, o Hospital de Todos-os-Santos, as termas romanas, o convento de S. Francisco.

Numa vitrine há caixas de fósforos com vistas da cidade, copos, canivetes, cinzeiros, leques. Numa pasta há programas do circo Price e da praça de Touros do Campo de Santana. Um álbum contém todos

os programas, artigos de Imprensa e uma colecção completa de bilhetes das festas de 1934-35. Que paciência!

Numa estante figuram apenas livros escritos em línguas estrangeiras, que falam de Lisboa. São mais de uma centena, mesmo mais de duas. Dum rolo encostado a um canto saem plantas originais e alçados. Dentro daquela casa podia-se reconstituir tènicamente a construção do Aqueduto ou da estátua do Reformador.

Os livros contam-se por milhares, mas o sr. Vieira da Silva sabe onde está cada um. Vai buscar com precisão a primeira edição de Marinho de Azevedo, o «Francisco da Holanda» ou o «Arquivo Pitoresco».

— Olhe, este custou-me um bocado; para o ter aqui tive de dar cinco contos!

Chegamos a uma sala maior que as antecedentes. Ao centro da casa está uma vitrine enorme. Dentro dela a maqueta de Lisboa, à escala, em madeira, composta edificio por edificio, trabalho de 14 anos dum chefe de bombeiros, falecido há mais de uma dezena de anos. O Mestre explica com a maior simplicidade: uma entidade official quis comprar a maqueta mas achou caro. Enquanto pensavam melhor, eu fui lá buscá-la... Cá está!!! Tenho é pena de não perceber disto para a completar.

O Mestre vai sucessivamente explicando a proveniência e o significado de cada objecto, de cada documento, das montanhas de documentos, que enchem armários, estantes, gavetas, vitrinas. As paredes estão literalmente cobertas de quadros, de gravuras, de fotografias, de produções. Num canto há dezenas de medalhas comemorativas.

Em certo momento reparo que lá fora escurece. Pedimos licença para nos retirar. Não havíamos dado por que estávamos ali há três ou quatro horas. O sr. Vieira da Silva indaga se já estamos aborrecido. De maneira alguma e pelo contrário. Havíamos visto *apenas quatro salas*, mas o Mestre promete que em outra ocasião mostrará *as restantes dez*.

À saída voltamos a falar no nosso escrito. Se o senhor não tem muita pressa dele, deixe-o cá, que em vou vendo isso com vagar *se for assunto de que eu saiba alguma coisa...*

No dia seguinte é o próprio Mestre quem no-lo vai entregar pessoalmente com as suas anotações, correcções e sugestões, num manuscrito precioso que guardámos como recordação e hoje como reliquia.

O sábio engenheiro foi o primeiro presidente da Direcção dos Amigos de Lisboa. Quando se realizou o Cortejo Cívico de 1940, o grupo apresentou a sua deputação, aliás bastante numerosa. O sr. Vieira da Silva, lá estava anonimamente confundido na multidão de sócios.

Alguém o descobriu e procurou-se trazê-lo para uma primeira fila, a seguir à bandeira. Tentativa inútil. Ninguém o conseguiu demover.

¶Noutra ocasião, numa visita de estudo do Grupo a determinada colectividade, verificámos à chegada que nos estava preparado um complicado cerimonial, com mesa de honra, e, digamos que com todo o estado-maior da casa visitada. O embaraço para nós é grande, pois não se tinha previsto uma tal solenidade e a nossa Direcção estava apenas com um representante. Mas eis que chega o sr. Vieira da Silva e julgámos que estava salva a situação. Adivinhámos que não seria fácil convencê-lo. Reunimos um grupo e vamos falar-lhe. Mostramos-lhe a dificuldade, que só ele podia resolver convenientemente, aceitando ir para a mesa de honra. O Mestre concorda, mas acha que todos nós somos muito mais competentes do que ele e por isso eu fico melhor ali naquela cadeirinha cá atrás... e ficou mesmo!

Este homem bom, simples e de rara ilustração, era uma das pessoas mais serenas que temos conhecido. Falava pouco e quase com acanhamento. Nunca cortava a palavra a ninguém, ouvia tudo até ao fim, com tal simplicidade como se fosse ele a pessoa de menos categoria. Nunca o vimos enfadado nem agastado, nem dizer mal de alguém senão dos «trapalhões» que traziam a público citações históricas erróneas, o que muito o contrariava. Ele que era tão rigoroso nas suas asserções, indicando de todas a proveniência, e, quando não tinha provas concludentes não passava do «parece», do «consta», do «é possível que».

Quando entrava num conhecimento mais amigo, sabia ter gestos de galantaria e de fineza e com delicadeza tal que, por exemplo em reedições que lhe foram confiadas, a correcção de erros averiguados, era posta de maneira que não maculava a memória do autor.

Tentou-se várias vezes no Grupo ouvi-lo em conferência, para divulgação de algum dos seus proficientes estudos. Nunca houve forma de o conseguir. Decididamente o sr. Vieira da Silva era invulnerável à tentação de enfrentar um auditório. Por modéstia, por falta de vocação oral? Recordamos, no entanto, que em certa ocasião, um sábio confrade, fez conferência nos Amigos de Lisboa, em que aludiu a descobertas arqueológicas na região da Mouraria e a tal propósito formulou conjecturas, que a distância do tempo não nos permite recordar. No fim da conferência o sr. Vieira da Silva, com a sua habitual cortesia perguntou se podia dizer duas palavras. Levantou-se e com ar tão natural como se estivesse entre dois amigos «conversou» com os presentes — uma sala cheia — durante alguns minutos e esclareceu por completo o que o orador antecedente deixara em interrogação. O Mestre pedir a palavra e falar em público foi um acontecimento que produziu sensação.

Pelo contrário, no que se tratasse de estudo escrito, atendia quase

prontamente todos os pedidos, como pode entender-se pela sua copiosa colaboração no «Olisipo». Invariavelmente começava por dizer que já não tinha nada de novo para escrever e que repetir o que estava feito não valia a pena, mas passados dois ou três dias lá vinha ele próprio trazer à Secretaria um «artigosito sem importância».

A base do material de investigação olisiponense estava — e está — em sua casa, e ele melhor do que ninguém o sabia. Por isso era frequente os estudiosos terem de socorrer-se da sua bagagem. Duma maneira geral e tanto quanto nós saibamos, todas as solicitações que lhe dirigiam eram bem acolhidas. Um dia pedimos-lhe autorização para reproduzir em trabalho nosso, uma gravura que havia sido estampada em livro seu. Sorridente e em termos de não nos deixar a menor dúvida, declarou que a podíamos utilizar «*essa e todas as que quiser*» porque, tudo quanto contribuisse para o conhecimento e divulgação da história de Lisboa lhe era sempre agradável.

O minucioso autor da «Cerca Moura», ao contrário do que muita gente supunha, era uma pessoa de muito espírito, e para o demonstrar não resistimos à tentação de relatar um episódio passado poucos dias antes do seu passamento à eternidade e à imortalidade.

Nos primeiros dias de Janeiro o Mestre faz-nos a surpresa duma visita. Bem sabe que vem incomodar quem trabalha — diz — mas demorar-se-á pouco.

Vem perguntar — com toda a franqueza, acrescenta — se estaríamos disposto a ter a grande massada de o acompanhar a Alverca e a Massamá para fotografar os marcos que assinalam na estrada os limites do termo de Lisboa. Tem desde logo a declarar que não é pressa nenhuma, se for daqui a seis meses ainda vai muito a tempo. É para um trabalho que traz entre mãos, que não tem prazo. Apenas é necessário que esteja um dia de sol por causa das fotografias.

Logo que o sol reapareceu telefonámos ao Mestre a indagar se no dia seguinte lhe seria agradável ter-nos à sua disposição, para ir, à sua escolha a Alverca ou a Massamá.

— Pela minha parte não há inconveniente, agora veja lá para a sua vida...

Pedimos ao sr. Vieira da Silva que marque à sua vontade a hora a que deseja partir, mas ele declara firmemente que não, que isso é só connosco. Por respeito, por cortesia, por deferência à sua categoria proeminente, recusamos nós marcar hora e quando o Mestre compreende que não desistimos de lhe dar essa primacia, acede:

— Bom, está bem, então não venha nem antes das seis da manhã nem depois das seis da tarde!!!...

Partimos efectivamente no dia seguinte, acompanhados pelo ama-

dor sr. Alberto Schmidt que se prontificou muito gentilmente a ir fotografar-lhe os obeliscos. Conduzimos com velocidade moderada e o sr. Vieira da Silva aprecia esse cuidado, para poder ir vendo tantas coisas novas por sítios onde já não passa há bastante tempo. Vê-se perfeitamente que vai muitíssimo satisfeito, de resto o dia está aquilo que os homens do campo chamam *um dia criador*.

Chegámos aos obeliscos de Alverca, e, enquanto Schmidt faz as fotografias, o Mestre vai conferir o texto das inscrições lapidares. Agora já não é o alegre companheiro de viagem, é o escrupuloso investigador que confere os textos letra por letra, com pontos, vírgulas, traços e abreviaturas. Na sua cópia — que minucia — cada linha deve terminar na mesma sílaba em que termina no original.

Ao coadjuvá-lo nessa meticolosa conferência, mal pensávamos que se estava produzindo um episódio histórico na vida do Engenheiro Augusto Vieira da Silva: o seu último passeio e o seu último retrato, que o acaso — tão caprichoso — quis dar-nos o prémio de ter a nossa modesta companhia.

Vamos ainda a Vila Franca de Xira, onde o Mestre, qual sentinela guardadora do património artístico da Nação, pretende identificar um marco de légua, considerado monumento nacional, que está depositado num pátio camarário, cujas peças consegue reconstituir e interessar a autoridade vilafranquense na sua reposição em local condigno.

No dia seguinte pela manhã o sr. Vieira da Silva telefona-nos:

— É só para lhe dizer que jantei com muito apetite e dormi bem...

Alguns dias depois caiu à cama, em que se finou a 20 de Fevereiro, com o profundo pesar de todos os seus amigos e daqueles que muito se ilustraram na leitura da sua vasta e proba bibliografia.

O Eng.º Vieira da Silva constituía com a Sr.ª D. Maria Cândida Lupi Santos Jorge e o Comandante Mil-Homens um trio de octogenários da nossa mais dilecta relação pessoal, porque, não se conhecendo qualquer deles entre si, apresentam predicados semelhantes de bondade, de inteligência e de actividade, conjunto raro e muito raro em tão propecta idade. O primeiro, pode dizer-se que tombou no seu posto servindo nobremente a causa da cultura olisiponense; a segunda — senhora de alta estirpe — dirige ainda virilmente a parte diplomática na administração da sua importante casa agrícola e uma vasta e discreta obra de benemerência; o terceiro, quase nonagenário (comprometido conosco para uma festa daqui a doze anos) vai diàriamente ao seu escritório profissional, mantendo a rija têmpera de marinheiro graduado.

Com o desaparecimento do Engenheiro Vieira da Silva fica-nos a mágoa de não termos cumprido dois deveres que impuseramos à nossa

consciência. Havíamos idealizado o projecto de o ouvir sob a forma de entrevista para o «Olisipo» a fim de trazer ao nosso Boletim a resposta a um conjunto de perguntas que pudessem formar a base do estudo biográfico da sua personalidade. Aqui o tempo andou mais ligeiro que nós.

Havíamos também pugnado para que se fizesse o seu retrato a óleo, para que ficasse no Grupo essa perene recordação do seu primeiro Presidente. A ideia estava em marcha com as gerais e devidas simpatias em torno da ideia. Mas... deixou-se passar as seis da tarde! A culpa não foi nossa.

# VIEIRA DA SILVA

por NORBERTO DE ARAUJO

**E**XTINGUIU-SE, com efeito, uma grande alma. O engenheiro Augusto Vieira da Silva, mesmo dentro do quadro das notabilidades votadas a uma ciência, e nela um polígrafo, não era personalidade vulgar.

O mestre insigne da história olisiponense — e que foi, além disso, um engenheiro de envergadura civil e militar — cimentou toda a sua obra com amor.

Amor quer dizer consciência da causa magnífica. Mergulhou as raízes da sua generosidade criadora e investigadora na alma de Lisboa.

Continuador de Júlio de Castilho na obra ingente do estudo e da palpitação do passado, utilizando fórmulas mais rígidas e críticas, numa faceta ele quis ser, e foi, igual ao homem da «Lisboa Antiga»: na amorosidade, que é o calor que sustenta a vida do espírito e do coração. Vieira da Silva não foi um lírico de Lisboa. Ou foi-o à sua maneira.

Mas que probidade, que penetração, que altruísmo científico na beleza arquitectural e sólida da obra encetada aos vinte anos!

Que exemplo de constância afectiva no estudo e na sua planificação de sábio, e mais, de mestre!

Vieira da Silva, discípulo de Castilho por força da assimilação da paixão olisiponense, não deixou muitos discípulos, porque a sua cátedra não dispõe das atracções da turba ou dos europeus da popularidade.

Mas deixou uma obra monumental, que em certos passos, ainda que sob prismas diversos, parece esculpida pelo cinzel de um Herculano.

Dissemos que Vieira da Silva não era um lírico. E contudo, cantava em estrofes eruditas de labor de beneditino em ritmos que resoavam a bronze.

Muitas pessoas ignoram que o mestre insigne que ontem se apagou — e só pelo sopro da morte — possuía uma sensibilidade que roçava pela ternura. Poucos sabiam que Vieira da Silva tinha o culto do pitoresco e das pequeninas cousas amoráveis das louçanias da cidade. Ele dominava-se, quando escrevia, dessa espécie de lirismo contemplativo, que lhe pareceria uma inferioridade. Mas já não acontecia isso quando se abria com amigos e quando contemplava as heras que envolvem as ogivas das sagradas ruínas.

O pórtico da sua casa estava escancarado. A sua casa, museu e biblioteca, era de todos. O seu fundo bibliográfico não era escrínio de uma avidez de sábio ou de coleccionador.

Estremeceu Lisboa, pelo passado e pelo presente, e assim foi um municipalista consciente que subia as escadas dos Paços do Concelho como se entrasse no Panteão das tradições e virtudes cívicas. Cultivava o retraimento, não por timidez, talvez por um orgulho bem compreendido.

Admirável personalidade moral e literária!

O maior preito que se pode prestar à sua memória é acrescentar, depois da sua morte, o número dos seus discípulos, como aconteceu a Herculano e a Júlio de Castilho.

Se a Câmara já divulgou as suas obras, é mister que os professores de letras, de história e de arte levem todos os que lhes passam pela cátedra a compreender os livros e a seguir os ensinamentos do grande e generoso mestre que foi Augusto Vieira da Silva.

*Do «Diário de Lisboa», de 21-2-951.*



# NOTA ACERCA DA IGREJA « DO COLÈGINHO »

por J. M. CORDEIRO DE SOUSA

COMO pobre complemento do interessante artigo publicado a páginas 190 do n.º 52 deste nosso Boletim pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ferreira de Andrade, destaco dos meus cadernos de apontamentos a inscrição lapidar existente na parede da capela-mor da igreja do «Colèginho», cujo teor tomo a liberdade de comunicar aos nossos consócios que porventura ainda não a tenham lido.

Está escrita em 10 linhas de caracteres latinos com algumas geminações, ou mais rigorosamente: em 8 linhas e mais 2, pois as primeiras foram gravadas no século XVII, e as restantes são um acrescentamento feito em 1784.

Diz-nos que:

ESTA CAPPELA E SEPVLTVRA HE DE DOM IOAÕ DA COSTA PADROEIRO E FVNDADOR DESTE COLEGIO DE SAMTO AGOSTINHO E DE SEVS ERDR<sup>os</sup> PELLO QVAES HE OBRIGADO A DIZER TRES MISAS COTIDIANAS COM SEVS RESPONSO SOBRE A SEPVLTVRA E POR DONA IOANA DE VASCONSELLOS SVA VLTIMA MOLHER VMA MISA COM RESPONSO QVE DOTOV CÕ 2S RS DE RENDA E DOM IOAÕ DA COSTA SEV NETO HA MANDOV REDEFICAR E ORNAR NO ANNO DE 1639

D. IOAÕ DA COSTA 5º CONDE DE SOVRE REDEFICOV TOTALMENTE ESTA CAPPELLA NO ANNO DE 1784

Vejamos ainda quem era esse D. João da Costa «padroeiro e fundador deste Colégio», e os seus zelosos e ilustres netos a quem a inscrição se refere.

Era filho de D. Gil Eanes da Costa, foi comendador de Aviz, assistiu a 5 reinados: os de D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, D. Felipe I, e D. Felipe II, e casou 4 vezes: a 1.<sup>a</sup> com D. Joana de Faria, filha do comendador de Carrazedo, a 2.<sup>a</sup> com D. Antónia de

Meneses, filha do Senhor de Belas, a 3.<sup>a</sup> com D. Maria de Aragão, filha do alcaide de Faro, e a 4.<sup>a</sup> com D. Joana de Vasconcelos, viúva de D. Rodrigo de Sousa, a única por quem se lembrou de mandar rezar «uma missa com responso».

Do seu 2.<sup>o</sup> matrimónio nascera-lhe, entre outros, um filho que se chamou D. Gil Eanes da Costa, como o avô, e veio a casar com D. Francisca de Vasconcelos, que por sinal era filha da sua madrasta. O neto que lhe mandou reedificar a capela era o filho destes, o bravo da conspiração de 1640, e das campanhas da Restauração, ferido na batalha do Montijo, que foi feito conde de Soure, Mestre de Campo, Tenente-General, Governador das Armas do Alentejo, e esteve por Embaixador na Côrte do Rei-Sol.

O 5.<sup>o</sup> conde de Soure, que «reedificou totalmente» a capela em 1784, e não se esqueceu de o proclamar na inscrição, era o trineto deste, filho do 4.<sup>o</sup> conde D. Henrique José Francisco da Costa de Carvalho Patalim Correia de Sousa, e de sua 2.<sup>a</sup> esposa D. Antónia de Rohan, filha dos condes da Ribeira, D. José Rodrigo da Câmara e D. Constança Emília Sofrónia de Rohan-Soubise.

# BREVE HISTÓRIA

## DO

# HOSPITAL MILITAR DE CAMPOLIDE

### COMO COMEÇOU E COMO ACABOU

*pelo Major EUGÊNIO SOBREIRO DE FIGUEIREDO E SILVA*

**C**ORRIA o ano de 1916. A Grande Guerra estava no seu auge e em Portugal grande luta se travava entre os partidários da intervenção e os da não intervenção.

Como geralmente acontece em todas as lutas, há vencedores e vencidos. Nesta, venceram os partidários da intervenção e assim, em certa tarde de Março do citado ano, grande estrondo de artilharia se ouviu para as bandas do Tejo.

Mais uma revolução, assim disseram os que o ouviram; mas não. Era o combate do mar da Palha ou seja o apresamento dos barcos alemães surtos no rio.

Estava para todos os efeitos declarada a guerra à Alemanha.

Grandes preparativos militares, pelo menos aparatosos, e era mister cuidar dos feridos e estropiados que voltassem da guerra.

Existia, desde o advento da República, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Esta Liga organizou então a chamada Cruzada das Mulheres Portuguesas, que teria por missão cuidar do conforto a dispensar aos combatentes da guerra, tanto nos campos de batalha como em qualquer outro lugar. Entre outras coisas, lembraram-se da fundação de um hospital onde os recenhegados se pudessem recolher.

Encontrava-se devoluto o grande edificio escolar, antiga pertença dos jesuitas, no alto de Campolide. Moveram-se as influências e o edificio foi cedido para esse fim. As Terras do Seabra, paredes meias com o edificio, vasto terreno murado com 47.956 metros quadrados de superficie, foi cobiçado e os seus proprietários, num rasgo de generosidade, cederam-no a título precário; aí se construíram seis pavilhões de madeira em forma de H e mais um destinado a sala de operações, ficando

quatro ligados a este por corredores. Os dois restantes ficaram separados. Destinavam-se a isolamento.

O vasto estabelecimento hospitalar tomou o nome de Instituto Clínico da Cruzada das Mulheres Portuguesas (Policlínico) e ficou sob a Direcção do Professor Francisco Gentil.

Angariaram-se fundos, moveram-se empenhos, puseram-se em acção grandes actividades e o hospital foi-se apetrechando de tudo que seria necessário para cuidar dos homens regressados da guerra. Comportaria mil e duzentas camas. No interior do edifício prepararam-se as instalações burocráticas, serviços clínicos, farmácia, cozinha, arrecadações, lavandaria, e saboaria, etc.

No andar superior, ocupando toda a área do edifício, antigo dormitório dos alunos com a área de 1.566 metros quadrados, ficaria também uma enfermaria. Na ala nascente e sul do edifício ficariam os quartos para oficiais.

Nos citados pavilhões de madeira, ficariam instaladas as enfermarias de cirurgia e isolamento.

Assim se foi andando e chegou o mês de Dezembro de 1917. Dia 5, ao cair da noite, mais tiros de artilharia no alto da Rotunda. Desta vez era na realidade mais uma revolução. Decorridos dois dias Sidónio Pais sai vitorioso. Alguns dias depois, Sidónio Pais, não concordando com aquela organização extingue o Policlínico pelo Decreto n.º 3.732 de 2 de Janeiro de 1918 publicado na O. E., 1.ª série, de 15 do mesmo mês. A portaria n.º 1.203 de 5 de Janeiro na mesma O. E., nomeia uma comissão composta pelo Dr. Alfeu da Cruz, major médico António de Almeida Dias e capitão da administração militar Manuel Eduardo Martins, com o fim de proceder ao arrolamento.

Surge então o Hospital Militar de Campolide, onde continuaram as obras de adaptação, embora não se tivesse seguido o primeiro plano.

Por este facto, não prosseguiram as obras de construção do edifício destinado aos agentes físicos<sup>(1)</sup>, situado no local dos antigos recreios do Colégio; ficou por acabar, tal como ainda hoje se vê, sobranceiro à parada do Batalhão de Caçadores n.º 5. Nos terrenos da horta teve comêço a construção do edifício para o laboratório de análises clínicas, que depois de algum tempo de abandono, acabou por ser demolido, aproveitando-se os materiais; dele nada existe já. Nas trazeiras da antiga igreja, construíram-se os anexos destinados a casa mortuária e serviço de autópsias. Ainda existem hoje como dependências da igreja paroquial de Campolide.

---

(1) Presentemente, Maio de 1950, já se encontra aplicado à dependência do quartel do dito Batalhão de Caçadores 5.

Durante o período sidonista, o Hospital prosperou e desempenhou a missão para que havia sido criado, recolhendo inúmeros combatentes repatriados, que ali receberam algum conforto. Uns seguiam para as terras da sua naturalidade, e os outros ficavam hospitalizados, conforme o seu estado.

Chegado o período da célebre epidemia da *pneumónica*, em Outubro de 1918, ali se mandaram recolher todos os atacados do mal. É interessante notar que, do pessoal hospitalar atacado pela doença, só faleceram os dois porteiros. Doentes atacados por outras doenças infecciosas ali foram mandados recolher também.

Entra-se em 1919. Em 10 de Janeiro, elementos affectos aos partidos políticos assaltam o Castelo de S. Jorge, são repellidos e seguem para Santarém. Insubordina-se a guarnição. Seguem forças fiéis, sufocam a revolta.

Silva Ramos à frente das tropas marcha para o Porto e implanta a monarquia em 19. A 23, algumas unidades do Corpo de Tropas da Guarnição de Lisboa secundam o movimento e marcham para a Serra de Monsanto. Em 24 à tarde, depois de dois dias de luta renhida, são destroçadas. Continua a cação contra-revolucionária das tropas republicanas e derrotam os monárquicos. A 13 de Fevereiro estabelece-se de novo em todo o País o regime republicano.

Do sidonismo, pouco vai ficando. Chega a vez ao Hospital de Campolide. A obra é grande e boa. Fazer ressurgir o Policlínico, não, pois a guerra acabara já; não tinha finalidade. Deixar ficar três hospitais militares em Lisboa, não podia ser. Tinha, portanto, de acabar um. Pensou-se na extinção do Hospital da Estrela. Ficaria no seu lugar o de Campolide. A ideia foi vista com simpatia pelas instâncias superiores. Prova-o o Decreto n.º 5.887 de 19 de Junho de 1919, (O. E. n.º 16, 1.ª série, de 21 do mesmo mês), que considera de utilidade pública, para efeitos de expropriação, as Terras do Seabra «a fim de assegurar ao Estado a posse do mencionado trato de terreno, em que estão construídos seis pavilhões-enfermarias e casa de operações e onde se projectam mais edificações para o referido Hospital» (*de Campolide*).

Apesar disto há quem não veja com bons olhos a ideia. Nomeia-se uma comissão para resolver o assunto. Reunida a comissão as opiniões divergem e ao proceder-se à votação, o número de votos é igual dos dois lados. Chama-se para desempatar, um dos membros que não tinha comparecido à reunião.

Não houve mais dúvidas. Era o Hospital da Estrela que devia continuar. Cada um que faça os comentários que quiser. Só sei que em fins de 1920 do Hospital Militar de Campolide apenas restavam os edifícios. O recheio foi distribuído pelos restantes hospitais militares. Grosso espólio coube a cada um, pois ali havia de tudo em abundância.

Havia arrecadações nos baixos do edifício completamente cheias: material sanitário e de laboratório, roupas de cama e de mesa, artigos de cozinha, etc., etc.

Hoje, no antigo edifício do Colégio está instalado o Quartel do Batalhão de Caçadores n.º 5. Nos pavilhões de madeira, está instalado o Quartel do Regimento de Metralhadoras n.º 1. Eis o que a respeito da história do desaparecido Hospital Militar de Campolide, me ocorre referir.

Lisboa, 27 de Março de 1940.

# ESTA LISBOA DAS SETE COLINAS...

por FERREIRA DE ANDRADE

UM cronista anónimo da Lisboa dos primórdios do Século XIX traçou, nas colunas da *Mnemosine Lusitana*, esta curiosa e interessante «descrição da incomparável vista da cidade»: «no mundo não há um quadro mais belo, pitoresco e ao mesmo tempo mais grandioso e magnífico do que a cidade de Lisboa. Um tanque de água, imenso, formado pelo rio, que neste sítio tem mais de uma légua de largura, coberto de centenaes de navios ancorados e de milhares de embarcações pequenas, cruzando-se em seu contínuo giro; uma cidade majestosa edificada em anfiteatro sobre colinas sobranceiras ao rio; o grande número de zimbórios; os seus arrabaldes formoseados por conventos, casas de campo, jardins e olivais pela parte do nascente e do norte e pelo lado do ocidente a obra-prima da arquitectura gótica, o mosteiro de Belém, as quintas reais, o jardim botânico, a igreja patriarcal com a sua torre».

Lisboa, vista do meio do rio, constitui, de facto, um espectáculo encantador. Foi daqui que Byron a admirou pela primeira vez: «vista de longe parece celestial» — exclamou no auge do seu entusiasmo.

Contemplada do Tejo a cidade atinge, na verdade, a plenitude da sua grandeza espectacular, desdobra-se em aspectos vários, ricos de harmonia e cor.

É daqui, deste rio, que é fonte perene de toda a sua beleza, de toda a sua poesia, que a cidade se nos mostra no recorte gracioso do seu casario, entrecortado, de onde em onde, pelas torres sineiras, pelos minaretes e pérgolas, pelos vários belvederes que espreitam entre a mancha verde do arvoredado.

É daqui que a vemos no seu idílio de séculos, beijada pelo Tejo que a embalou nos braços, que a fez mulher e a lançou no caminho

dos mares, dona e senhora de destinos maiores, mater de civilizações e criadora de impérios.

É do Tejo — que Filipe III desejou tornar navegável até Toledo —, que as muralhas e as torres da acrópole ganham perspectivas quase irreais.

Dispersos, aqui e além, cada mirante é uma janela aberta sobre a toalha líquida do rio. Vê-la, daqui, é trazermos aos olhos a visão distante da Lisboa moura, alva e pequenina, em redor da Alcáçova, estendida ao sol como noiva em sua alcova nupcial como a definiu um poeta de então; a Lisboa de D. Dinis a alastrar-se para além da sua orla de muralhas, no primeiro impulso urbanístico — a Lisboa da Rua Nova de El-Rei; a cidade fernandina espraiando-se pelos campos arrabaldinos; a Lisboa das conquistas, no apogeu de toda a sua glória, cosmópolis invejada, porto apetecido e respeitado.

Vêmo-la, depois, tal como a representam as gravuras de oitocentos, as panorâmicas admiráveis de Cosme de Médicis e do painel de azulejo do Museu das Janelas Verdes.

E vêmo-la, hoje, em toda a sua expansão de grande cidade, cada vez mais bela, urbanizada no sentido lógico do seu desenvolvimento, frente ao Tejo — a razão primordial da sua existência, a mais linda iluminura da sua história. Mas vêmo-la — e com que tristeza! — separada do rio por uma cortina de barracões e de guindastes, de tapumes e montes de carvão, de fábricas e oficinas!

Desafogada, alfim, a maravilhosa Torre de S. Vicente, logo outro paredão se ergue a encobri-la da barra — e o areal extenso, virgem de construções, que nos abria de par em par a perspectiva do rio e os longes do oceano, transformar-se-á em breve... num porto de pesca.

Triste sina a desta cidade!

E é vendo-a realmente do seu rio, é contemplando de longe esta *oitava maravilha*, como a classificou Tirso de Molina, *la famosa Lisboa*, na legenda de Cervantes, que mais nos entristece esta separação forçada pelo homem entre a cidade e o Tejo, o rio que a natureza para sempre uniu numa aliança de amor e de beleza.

Minhas Senhoras;

Meus Senhores:

O lisboeta desconhece, na sua maioria, esta visão extraordinária da cidade contemplada do rio, ignora a cenografia, o imprevisto da Lisboa que se avista desde o Beato ao rendilhado caprichoso da Torre de Belém. Numa palavra: o lisboeta desconhece o seu rio.

Os «Amigos de Lisboa», inscrevendo no seu plano cultural estes

passeios no Tejo, prestam, quanto a mim, o melhor contributo para o conhecimento da nossa cidade.

Permita-se-me um alvitre: que o Grupo promova nestas manhãs encantadoras de Estio, nas noites luarentas de Agosto, um passeio no Tejo para que sócios e não sócios, para que todos os habitantes da cidade, conheçam a sua Lisboa, a conheçam no esplendor máximo da sua beleza, a conheçam do rio... do rio que eles desconhecem.

Não basta — para conhecer Lisboa — subir aos cômodos de Monsanto, galgar as artérias empinadas do Castelo, debruçar-se nas pérgolas de S. Gens, Santa Luzia, S. Pedro de Alcântara.

De cada local, é certo, divisa-se uma Lisboa nova, inédita, diferente. Monsanto é realmente o primeiro belveder da urbe, de onde a vista se perde na vastidão do Atlântico, no cenário distante da Serra de Sintra, na variedade dos verdes campinos e, mais perto de nós, na policromia do seu casario doirado pelo sol, pela luminosidade translúcida deste céu azul, muito azul de Lisboa. Mas é do Tejo que a cidade se nos apresenta na perspectiva impressionante do seu conjunto ribeirinho, no recorte gracioso da sua topografia.

É esta a Lisboa que nos cantaram os cronistas e os poetas de antanho: Fernão Lopes, Damião de Góis, Camões e Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcelos e Francisco de Holanda. É esta a Lisboa dos versos encomiásticos de Gabriel Pereira de Castro, de Teodoro d'Almeida, de Maurício Ramalho.

É esta a Lisboa exaltada por Tomás Ribeiro, João de Deus e Gomes Leal.

É esta a *Lisboa das naus cheias de glórias*, da *Lisboa das varinas e marquesas* dos versos nostálgicos do poeta do Só. A Lisboa popular, a Lisboa realista, a Lisboa nocturna, a Lisboa que Cesário, mais do que nenhum outro, soube compreender e sentir no seu poema «O sentimento de um ocidental»:

Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
Há tal soturnidade, há tal melancolia,  
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia  
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

... ..

Vasam-se os arsenais e as oficinas;  
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;  
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,  
Correndo com firmeza assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!  
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;  
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras  
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Neste cancionero admirável, de que Lisboa já se orgulha, é o Tejo, são as colinas da cidade, as fontes de inspiração dos versos mais belos dos nossos melhores vates.

E quem, melhor do que os poetas, pode compreender a sedução, o imponderável encanto desta cidade?

Chamaram-lhe *princesa do oceano, rainha do ocidente*. Consideraram-na a *mais deliciosa cidade do mundo, a maior da cristandade*. Tornaram-na depois *entre todas excelente e maioral. Jardim da Europa à beira-mar plantado*, como a exaltou Tomás Ribeiro; *cidade de mármore e granito*, como a adjectivou Herculano.

Uma legenda, porém, Lisboa guarda religiosamente: *Angústia émula de Roma*.

A razão do epíteto pouco importa. Roma, era a cidade eleita, a cidade imperial. Que outra se lhe opunha na grandeza e no seu valor espiritual e universalista?

Só Lisboa, esta cidade que gerou cidades, que levou às plagas africanas, ao Brasil e à Índia a Cruz de Cristo; que levou às mais distantes e inóspitas terras do orbe a palavra evangelizadora do Senhor — podia rivalizar com Roma eterna — Roma, a cidade das sete colinas.

Mas Lisboa também se orgulhava dos seus montes, das suas colinas...

E assim nasceu, nas páginas dos escritores quinhentistas, a legenda famosa: Lisboa, a cidade das colinas.

E descrevem-na, tal como os seus olhos entusiasmados a viram, debruçada sobre as águas do Tejo, imponente e majestosa, nas Chagas e S. Roque, em Santana, Nossa Senhora do Monte, Nossa Senhora da Graça e S. Vicente — as quatro colinas de Lisboa.

É assim que a viu Cristóvão Rodrigues de Oliveira, na sua Estatística de 1551, levado, decerto, não pela rigorosa disposição orográfica da urbe, mas pelo aspecto que esta apresentava vista do Tejo, no contorno da sua silhueta — desde as portas da Cruz a Santos-o-Velho.

Damião de Góis — na visão de uma cidade maior — descobre-lhe nova elevação de terreno. E uma outra colina surge...

Ouçamo-lo na descrição encomiástica que nos legou:

«A cidade de Lisboa, pelo lado sul, começa no Paço Velho de San-

tos... deixando o Paço Velho, por um caminho tortuoso, empedrado e descendo pouco a pouco, vai dar-se ao convento das Freiras de Nossa Senhora da Esperança; indo pelo mesmo caminho, sobe-se ao monte fronteiro, em cuja ilharga, do outro lado, está a capela dedicada a S. Roque.»

Eram estes, portanto, para o biógrafo de D. Manuel, os dois primeiros montes da urbe: Santos e S. Roque.

«Dali — continua Damião de Góis — nasce uma colina com um olival tão denso que a vista mal pode penetrar lá dentro. Aberto na parte superior, tem uma capela que há pouco foi dedicada a Sant'Ana.»

Este, era o terceiro monte.

«Daqui — prossegue — através do campo de Santana, passando a leprosnria e a feira do gado, chega-se ao outro vale, não menos fértil e aprazível a que chamam Mouraria.»

É o nosso vale da Baixa.

Depois do Castelo refere-se Damião de Góis às duas outras colinas: «À parte esquerda, para o norte, onde começam os campos de Santa Bárbara, vê-se a capela dos Anjos. Acima deste vale, para o oriente, ergue-se um monte alto, de íngreme ladeira, que deu o nome ao templo de Nossa Senhora do Monte, que no alto se encontra. Descendo deste sítio, com pequeno desvio, quase em linha recta, entra-se outra vez no recinto da cidade, e depara-se-nos logo o templo dos frades agostinhos, consagrado a Nossa Senhora da Graça, encostado do lado de dentro, às muralhas».

Era já a cidade das colinas, mas não ainda a cidade das sete colinas.

Esta, somente nos surge em pleno século XVIII, na descrição laudatória de Frei Nicolau de Oliveira. É no *Livro das Grandezas de Lisboa* que a capital é comparada à cidade de Roma, no deliberado e arrebatado desejo de estabelecer um paralelismo evocador das duas grandes cidades.

E Lisboa irrompe da fantasia poética de Frei Nicolau, menosprezando a sua verdadeira disposição orográfica, como a cidade das sete colinas.

Evoquemo-la, tal como hoje os nossos olhos a vêem ou a adivinham.

A primeira colina é S. Vicente, com o seu mosteiro ao centro. É um dos montes que se elevam nesta linha do Tejo. As torres da imponente fachada de igreja, recortam-se no céu. Em volta o casario modesto da Graça, de Santa Clara, de Santo Estêvão descendo até às

areias do rio pela Alfama medieva, pelas ruas da Galé, das Judiaria, pelas calçadas de S. Miguel e de S. João da Praça.

Esta, a primeira colina de Lisboa. Depois é Santo André — monte que se resume nas vertentes dos montes do Castelo e S. Vicente, escarpas que ladeiam o vale que se estende até ao Tejo.

E segue-se a terceira colina: o Castelo — cujo cume parece que o cortou a natureza ao picão — como a descreve Frei Nicolau. É esta a colina onde a vista mais se fixa na contemplação emotiva do nosso embevecimento. É do rio que a avistamos em toda a sua grandeza. É do rio que melhor podemos evocar, reintegrada hoje na sua traça antiga, os oito séculos de existência cristã da sua fortaleza. Por detrás das suas torres e cubelos adivinham-se a torre velhinha da igreja de Santa Cruz, as ruas do Espírito Santo, do Recolhimento e das Flores. E, mais adiante, o mosteiro dos frades lóios, edifício que se avantajava a toda a cidade e hoje não é mais do que modesto abrigo de soldados.

Sant'Ana é a quarta colina. Dificilmente se antevê nesta visão da cidade. Perde-se para além das torres altas de S. Domingos, do convento da Encarnação, do casario amalgamado na encosta verdejante do Torel.

Fixemos por momentos a nossa vista nas rectas da cidade pombalina para contemplar depois este quadro incomparável de monumentalidade e de beleza — o Terreiro do Paço. Volvamos em seguida o olhar para a outra cidade que surge: S. Roque, Chagas, Santa Catarina — o arrabalde da Lisboa da conquista.

Frente aos nossos olhos, as três colinas sucedem-se. S. Roque a recordar-nos os desaparecidos conventos da Trindade e do Carmo — este presente ainda nas ogivas evocadoras que se debruçam sobre o vale da Baixa — com o seu Bairro Alto, que foi fidalgo e boémio, e hoje tão castiço e tão lisboeta ainda na poesia encantadora da sua toponímia: Os Calafates, a Água da Flor, os Fiéis de Deus, a Rosa das Partilhas, o Cunhal das Bolas!

Depois, lado a lado, a colina das Chagas e, mais para além, passada a Rua da Bica Duarte Belo, o último monte das sete colinas de Lisboa: Santa Catarina do Monte Sinai.

Uma a uma, guiados pela imaginação poética de Frei Nicolau de Oliveira, surgiram aos nossos olhos as sete colinas da cidade roqueiras sobre o rio.

Lisboa, a cidade das sete colinas... Assim a viram, assim a descreveram, no seu entusiasmo encantador os escritores de setecentos.

Lisboa — *Augusta émula de Roma!*

E a lenda ficou para sempre, tecida pela fantasia lírica dos cronistas de então como a melhor legenda desta cidade da nau e dos corvos.

Lisboa cresceu, alargou-se, rompeu muralhas, ultrapassou vales, conquistou novos horizontes, galgou novas terras — mas continuou para sempre na Literatura e na Lenda, na História e no cancionero popular como a cidade das sete colinas.

Para quê, levados pelo estudo da rigorosa disposição orográfica da urbe, desfazer esse dístico poético, subtil, encantador?

Que importa que Lisboa, falseando a verdade, continui sendo ainda hoje, amanhã e sempre a *cidade das sete colinas*?

*Palestra lida pelo sr. Hugo Raposo,  
(por ausência do autor), no passeio do  
Tejo, em 11 de Junho último.*

# S. CARLOS

# FIM DO SÉCULO



## III — A SURPRESA DE WAGNER

por SIDÓNIO MIGUEL

*(Continuação do número anterior)*

Este assunto ou problema de wagnerianismo e antiwagnerianismo perdeu há muito toda aquela berrante acuidade que mesmo entre nós chegou a ter, designadamente entre os frequentadores de S. Carlos que, à margem do vulgar soalheiro da vida e da indumentária do próximo, ali se permitiam comentar ópera antiga e moderna e se deslumbravam ou arrepiavam com as perspectivas duma música de futuro.

A primeira surpresa para o «dilettante» que de Verdi apelava para Rossini, olhando portanto para trás e não para a frente, foi a representação do *Lohengrin*, na noite de 14 de Março de 1883, isto é, 33 anos depois da estreia de Weimar, mas apenas doze depois dele ter sido cantado na Itália, na órbita de cujos teatros sempre gravitou S. Carlos.

Foi dado com as rivais artistas Pásqua e de Rezké e com o tenor Barbaccini, sob a direcção de Dalmau, um competentíssimo maestro catalão, a quem coube a tarefa de iniciar para os ouvidos do lisboeta retrógrado aqueles agudíssimos dos violinos do conhecido prelúdio, tradutores expressivos da sublimidade do Santo Graal, guardado altamente no castelo de Montsalvat e servido por castos cavaleiros, entre os quais este branco Lohengrin, alvo dos binóculos de toda a sala, quando saíu da sua barquinha conduzida pelo cisne e se fez ver ao proscénio, flamejante e cantante.

Os olhos viam e os ouvidos convenciam-se.

Surpreenderam-se, irritaram-se talvez quando, à aparição do branco enviado de Parsifal, correspondeu, não um pesado e homogéneo coro à italiana, imóvel e especado, mas um agitado suceder de vozes, num moderno traduzir do assombro em desordenada multidão.

Li este episódio da estreia de Wagner em S. Carlos numa das crónicas que há quarenta anos Júlio Neuparth publicava, creio que

semanalmente — pelo menos quinzenalmente — na primeira página do *Diário de Notícias*. Parece mentira, mas é verdade: há quarenta anos havia jornais que publicavam na primeira página crônicas musicais. E eu já contei uma vez em público, creio que nesta sala também, que o meu dilettantismo nasceu e começou a documentar-se com o noticiário desenvolvido de há quase quarenta e nove anos, do *Correio Nacional* de então, respeitante à morte de Verdi. Dou graças a Deus de ter nascido e olhado para as cousas do mundo em tal tempo. Se fora hoje, a leitura dos jornais teria feito de mim um fanático da bola ou do «hockey em patins»...

Eu tive tentações, ao preparar esta prosa para VV. Ex.<sup>as</sup>, de ir à Biblioteca Nacional fazer desarrumar das suas estantes os jornais desse primeiro trimestre de 1883. Mas desisti. VV. Ex.<sup>as</sup> não me pedem erudição e estão prontos a desculpar-me algum deslize de pormenor em que eu incorra. E as palestras fizeram-se, não para ostentação de erudição, mas para facilitação duma comunicabilidade leve de ideias e de emoções e o menos possível pretensiosa. Assim acontece que, escrevendo de memória o que estou a ler a VV. Ex.<sup>as</sup>, eu me recordei de que Ernesto Vieira, no seu *Dicionário*, falando daquele Angelo Frondoni que veio para cá, vencedor de Verdi, escreveu um folheto de franca oposição às doutrinas wagnerianas. Nunca o li, mas estou certo de que não lhe teriam faltado aplausos.

Hoje, felizmente, não há antiwagnerianos, embora tenha também rareado o seu tanto aquele tipo de wagneriano cego que acreditava no seu ídolo de olhos fechados e dividia toda a história da música em duas partes: antes e depois de Ricardo Wagner. É claro que houve depois os que a dividiram em antes e depois de Claude Debussy, antes e depois de Strawinski, antes depois do jazz.

De facto, depois de Wagner tem vindo tanta coisa no campo da técnica musical que, visto sob esse aspecto, que é o mais corrente, o wagnerianismo hoje é teoria antiquada e sistema tão *suranné*, tão caduco como o do Donizetti, por muito tempo o cabeça-de-turco dos iconoclastas do passado, ou o do primeiro Verdi, a quem tinham chamado o ressuscitador dos mortos pelas berrantes sonoridades das suas primeiras óperas.

Sem lisonja, este nosso Grupo de Amigos de Lisboa é um meio culto, mas modesto, sem jactâncias, onde se podem debater este e outros problemas duma vida artística que interessou e interessa a cidade — num ambiente portanto de verdadeiros admiradores do génio de Ricardo Wagner, como hoje somos todos, em todos os países de cultura, filha da grega. Tudo isto, porém, como de um artista mais, que passou com as fulgurações do seu génio, com a sua arte, a sua mensagem, da qual muito ficou, sem dúvida — mas muito menos do que ele julgava, quando, fazendo a parte carregada do que tinha sido a ópera ita-

liana, retalho desconexo de acrobacias vocais, degenerescência extrema dos pensamentos florentinos e das realizações melodramáticas de Cláudio Monteverdi, ideou, construtivamente, a sua ópera muito alemã, o seu drama lírico de futuro, moldado na subordinação de todos os elementos a um conúbio ou síntese de artes, à maneira dos gregos, actualizada pela evolução da música e pelos progressos das artes cénicas. Para isso começou por escrever ele próprio os poemas, que baseou nas vida e paixões de deuses e de heróis, informou-os de música plástica, expressiva, levada às últimas consequências numa melodia infinita, sem meras árias de bravura, sem quadraturas nem sinuosidades apenas gratas aos ouvidos — enriquecida com os recursos modernos, picturais, numa orquestra até ele desconhecida, à qual atribuiu a função permanente do velho coro grego, comentador, insinuador, de situações, de sentimentos; subordinada para unidade e firmeza de significado, ao emprego de motivos condutores, fios permanentes, recordados e aflorados em todo o tecer dum discurso ouvido religiosamente da primeira à última nota de cada acto, ainda quando este devesse durar uma hora e meia, como o primeiro acto do *Parsifal*.

Para esta realização completa, integral, do seu sonho de arte dramático-musical, não lhe serviam os casarões de ópera italiana, salas de camarotes e de plateia de vida mundana, acústicamente preparadas, como a do nosso S. Carlos, para a audição extremada de solistas brilhantes. Construiu em Bayreuth o seu teatro sem camarotes laterais nem tribunas, mas numa plateia única, posta em frente do palco, afogada a orquestra num invisível poço, do qual nem sequer emergia o bracejar do regente, tão caro aos espectadores da ópera italiana. Cenários e encenação, tudo isso foi revisto por ele e disposto em igual espírito numa síntese de artes ao serviço da grande Arte, a que não é divertimento, mas religião. VV. Ex.<sup>as</sup> compreendem por aqui toda a grandeza do homem que, visto em tal altura, não tem facilmente quem o ombreie em semelhante concepção de Arte.

Mesmo em Lisboa, afastada de Bayreuth, como Bayreuth o está de nós hoje em igual distância quilométrica, aproximavam-nos, há quarenta anos, de tal sonho artigos de imprensa e conferências de divulgação.

Era preciso em terreno, onde, talvez como em nenhum outro país do mundo, teimava a tradição de Rossini, de Bellini e de Donizetti, atraída para muitos pelo Verdi das *Vésperas Sicilianas*, do *Simão Bocanegra*, do *Don Carlo*, etc.

Como disse há pouco, o primeiro contacto de S. Carlos com a música de Wagner foi dado pelo *Lohengrin*, que ficou sempre a ópera wagneriana mais cantada em Lisboa. Por isso a nossa embaixada plateia não pôde compreender o agitado rumor dos cavaleiros da ópera, à chegada espectacular do defensor de Elsa de Brabante. E algum «dilettante» gritou:

— Eia, que aluvião de «fífias»...

Orquestra e coros eram dirigidos superiormente pelo tal maestro catalão Dalmau — o que ficou anotado num célebre desenho de Rafael Bordalo Pinheiro duma récita de gala em S. Carlos, que VV. Ex.<sup>as</sup> vão ver.

Mas o bom do maestro e os seus executantes correram o risco duma pateada. O «dilettante» de S. Carlos — sabia-se lá fora e por isso todos os cantores o temiam — não tolerava fífias. Felizmente hoje perdoa tudo.

A segunda ópera de Wagner cantada em S. Carlos foi o *Tannhäuser*. Pela parte que me toca — eu ouvi-o em 1905, numa mesma época que o *Lohengrin* e pelo mesmo cantor no protagonista — o celebrado Francisco Viñas — de voz máscula, muito igual, abaritonada, mas cheia, sã, não isenta embora de certo fanhoso, que diziam ter sido o defeito da voz de anjo do Gayarre. Pois o *Tannhäuser* impressionou-me mais que o *Lohengrin*, em cujo segundo acto, confesso, dormitei naquela câmara escura que era em tal tempo o *galinheiro* do teatro — com o espaço em largura dum único camarote semi-oculto da sala pela coroa da tribuna real... No *Tannhäuser* não. Senti-me dominado pela imponente abertura, que aliás conhecia dos concertos da banda da Guarda Municipal de António Taborda. Surpreendeu-me um tanto toda aquela gritante música do *Venusberg*, que nele contrasta com o tema dos peregrinos, mas encantou-me o quadro do Wartburg, ainda muito à italiana, com o seu concertante, mas tocado de poesia. No segundo acto admirei naturalmente a famosa marcha, que procurei ver nos bicos dos pés, mas cuja música sabia de cor, e no terceiro interessou-me a romanza da estrela, que também era um dos números da selecção da ópera que nos dava a banda da Guarda nos concertos da Avenida e da igreja do Sacramento. Em tal noite o grande barítono francês Renaud cantava a romanza, na qual deixou escapar uma tremenda fífia. Mas foi respeitado. Ia longe o tempo da pateada às fífias.

Nessa mesma época ou na seguinte ouvi, em festa artística de Mancinelli, o primeiro acto do *Tannhäuser*, com Viñas ainda, que veio a S. Carlos algumas épocas seguidas. Pois o famoso coro dos peregrinos perdeu-se por completo. Chegou quase a calar. Ouviram-se uns «schius» na plateia. Mas foi tudo. Mancinelli foi respeitado.

No ano de 1893 cantou-se o *Navio Fantasma*, que não mais voltou a cantar-se. Está para mim recordado pelo argumento da completíssima colecção dos que então regularmente se publicavam por obra não sei de quem, mas que se vendiam na Mónaco, no Marques das barbas da Rua do Ouro e numa tabacaria que havia em frente do Coliseu. Creio que tal publicação acabou com S. Carlos, em 1911, se não acabou antes com a saída de Pacini.

E de 1893 a 1902 não houve em S. Carlos mais óperas novas de Wagner, até que surgiram os *Mestres Cantores* no pequenino cartaz diário, sob a direcção de Luís Mancinelli. Interessaram mediocramente o nosso «dilettante», difficilmente arrancado a Meyerbeer, a Verdi e a Massenet.

A empresa, que chegou a ser increpada por alguns velhos assinantes por tal audácia wagneriana, apenas em 1905 ou 1906 repetiu o tentame, mas sem melhor comprehensão. Nesse tempo já eu frequentava o *galinheiro* e ouvia que os episódios do Hans Sachs e dos seus companheiros não entusiasmavam. Toleravam-se, porque vinha de fora a moda, a que tínhamos de acostumar-nos.

Mas Pacini, impulsionado talvez por Mancinelli, que na época de 1907/1908 regia pela quarta vez a orquestra do teatro — diga-se de passagem, progressivamente nacionalizada — atreveu-se, em 1908, a apresentar, com Viñas, a Gagliardi, a Lukaceska, o barítono Moreo, e o baixo Luppi, o *Tristão e Isolda*, anunciado, por sinal, para o dia 1 de Fevereiro.

Pelo trágico motivo do regicídio, só foi estreado o *Tristão* daí a uns tantos dias, perante uma assistência enlutada e diminuída. Foi talvez o começo da debandada.

Com convicção ou sem ela, havia já então na plateia de S. Carlos, ao lado dalguns críticos, uns tantos amadores que iam formando o partido wagneriano ou semi-wagneriano pelo menos, muito lambusado de literatura de tal corrente, a que não tinha sido estranha a leitura do *Fogo*, de Gabriel d'Annunzio; e nas colunas compactas de Melo Barreto, nos *Novidades*, não se fugia à adopção do novo evangelho.

Começou então a ler-se um tanto o livro de Lavignac «Voyage Artistique à Bayreuth», que iniciava o amator na doutrina do Mestre, mas o vulgar «dilettante» repontou, embora tivesse aplaudido com as palmas da praxe, o fim de cada um daqueles longos actos duma tortura entediante de música inorgânica e enfadonhamente cromática, apenas decifrável com a prévia audição dos temas ou motivos condutores da partitura a um piano que todos teriam em casa, mas que não iam mandar abrir para tal prévio exercício. Não se tinham comprado para isso os pianos vendidos às filhas-família pelas quatro ou cinco grandes casas de pianos que Lisboa tinha por esse tempo...

O *Tristão e Isolda* foi mesmo, durante muito tempo, a obra menos comprehendida pelo nosso vulgar lisboeta e de efeitos tremendamente suporíferos na massa dos nossos ouvintes, muito dados a destacar das óperas os trechos favoritos. Recordo-me de que, quando se cantou o *Parsifal*, já em 1920, em época de restrições de transportes nocturnos, como a ópera acabava perto das duas da noite, a empresa de S. Carlos proporcionou aos espectadores que não tinham automóvel nem trem,

uns tantos carros da Carris, reservados, que saíam daqui do Largo do Chiado para diversos destinos na cidade e arredores. Pois, nessa noite do *Parsifal*, no carro que tomei, ficou-me sentado num dos lugares posteriores, em frente ao meu, um respeitável cavalheiro que dizia para uma familiar interpelante, quanto à opinião dele sobre o compridíssimo *Parsifal*:

— Ouve-se, ouve-se muito melhor do que o *Tristão e Isolda*...

Mas não carreguemos demasiado a parte. Para desculpa um tanto do enjôo do nosso «dilettante» com o cromatismo do *Tristão e Isolda*, lembrarei uma anedota gráfica italiana, que vai ser projectada daqui a pouco, muito saboreada então e que mostra que igual enjôo era sentido pelos públicos dos teatros italianos, a despeito da sua maior preparação.

Cantava-se num teatro uma ópera de Wagner que, pela acusação de suporífera, pode ser o *Tristão*, a menos dinâmica de acção e a mais estupefaciente do Mestre. A plateia dormia toda, beatificamente. Num camarote assistiam à récita Wagner e Mascagni. Este disse então para Wagner:

— Vês os efeitos da tua música?... Toda a gente dorme...

Mas Wagner respondeu-lhe logo:

— Estão a dormir desde ontem...

Esta ironia da resposta de Wagner baseava-se em que na véspera se tinha cantado a *Parisina*, de Mascagni, a sua partitura mais farfalhada sobre «libretto» não menos farfalhado de Gabriel d'Annunzio

É claro que o *Tristão* está hoje mais aceite. Embalamo-nos melhor com o folego larguíssimo da sua melodia infinita, sensualmente cromática, sinuosamente entretecida com os temas do Amor e dos Olhares, das beberagens do Amor e da Morte, mas sei duma senhora que, residindo em andar inferior ao dum radiófilo, acumulado de «dilettante», já deitada, metia a cabeça debaixo da roupa, quando lhe chegava aos ouvidos o anúncio do *Tristão e Isolda*.

Mas o grande, o grandíssimo acontecimento wagneriano, não apenas em Lisboa, mas em qualquer capital da Europa ou da América, ia ser, em 1909, por audácia do então jovem empresário Mimon Anahory, a Tetralogia ou Trilogia do *Anel dos Nibelungos*, autêntica e integralmente anunciada com o *Ouro do Reno*, a *Walkiria*, o *Siegfried* e o *Crepúsculo dos Deuses*. Dizia-se que se dava pela primeira vez a saída da Alemanha dum tal grupo como esta grande companhia alemã, os nomes de cujos artistas poupo aos ouvidos de VV. Ex.<sup>as</sup>, porque nada lhes diriam. Informarei apenas que faziam parte dela uma cantora, que era ainda filha de Wagner, e o marido, que era o maestro.

Fizeram-se então conferências de divulgação wagneriana, entre as quais, se não estou em erro, alguma ou algumas de António Arroyo, crítico e formador notável de mentalidades e educador entusiasta de sensibilidades.

Perdoem VV. Ex.<sup>as</sup> a digressão, mas estou a ouvi-lo em tal tempo: «Rapazes, não cantem o fado...» E esta fobia me contagiou sempre dessa forma que se chamou a «canção nacional», então menos cantada em concíliabulos aristocráticos e burgueses. Embalava-se com ela algum do povinho e conheci mesmo em tal tempo um rapazote, mais novo do que eu, mas tão aferrado ao cultivo do fadinho, que lhe via ou presentia a influência, não apenas em certos compassos da *Portuguesa*, com os seus «beijos de mãe», mas em todas as músicas que ouvia, onde apanhava alguma plangência de modo menor. Ouvia e dizia-nos: «Cá está o fado...». E tínhamos de concordar.

Entretanto os que detestavam o fado ou queriam botar figura, vendo e ouvindo a terceira companhia daquela temporada, prepararam dinheiros, indumentária e ouvidos, para não faltarem a um dos ciclos, muito anunciados pelas paredes das ruas em cartazes, cujos desenhos creio, podem ser vistos na *Ilustração Portuguesa* desse ano.

Não pude preparar dinheiros, porque um quádruplo espectáculo de ópera alemã, naturalmente a preços mais caros ainda que os da ópera italiana, excedia as minhas pequenas possibilidades económicas, tanto mais que estava concomitantemente aberto o Coliseu, com a sua temporada de Primavera — o que já ia satisfazendo a minha mania de «dilettante» lírico.

Entretanto, já o grande Schiller dizia que, quando o rei fazia palácios, tinham trabalho os carreiros — o que, aplicado ao nosso caso, quer dizer que, quando S. Carlos abria, tinham trabalho as modistas, os alfaiates, e até os que, sem dinheiro nem indumentária para lá entrar, se associavam ao movimento citadino, indo ver as entradas e as saídas do seu aristocrático e burguês público, mormente em noites de gala. Em qualquer das noites, aliás, o largo do teatro ficava por ali três horas e tal pejado de trens, como hoje acontece com os automóveis nas vizinhanças dos cinemas elegantes em noites de estreia de filmes.

E, quando S. Carlos abria ou reabria assim com tal companhia wagneriana, tinham os jornais artigos extensos sobre o acontecimento e nas largas críticas que faziam iniciavam os amadores como eu na imaginação teimosa do que seria cénica e musicalmente essa complicada cousa do *Anel dos Nibelungos*.

Assim, podíamos contar alguma cousa, mesmo os que não íamos a S. Carlos, das aventuras e façanhas das ondinas do Reno e da maldição do anel roubado, atirada pelo feio anão Albérico ao pobre deus Wotam: «Que o encanto desse anel dê a morte a quem o traga; que quem o possua seja roído da mais temerosa angústia; que quem o não

tiver seja dominado pela inveja; que ninguém tire proveito de tal riqueza, mas seja votado ao carrasco; que o senhor do anel seja o seu escravo... E seguíamos depois as vicissitudes das personagens, divinas, semi-divinas ou humanas: Wotan, Fricka, Siegmund, Sieglinde, Hunding, Brünhilde e as suas Walkirias, Siegfried e os seus dragões, Hagen, etc., através dos três actos de cada uma das obras da trilogia, que ficou na história das grandes produções da imaginação humana — não apenas como o mais formidável monumento da arte lírica de todos os tempos — mas como epopeia única no seu género, dramática e musical.

Como reagiu o nosso vulgar «dilettante»?

A maioria desatou snobemente a fazer crer que tudo tinha compreendido e falou muito de Lavignac e de três ou quatro temas decorados laboriosamente ao piano. No fundo, aborreceu-se e só lhe interessou algum oasis em tal maçadoria lírica, como o canto da Primavera de Siegmund, a sempre grata Cavalgada das Walkirias, que anos mais tarde fazia saltar os punhos das mãos de David de Sousa, no Politeama, entre rugidoras aclamações da geral; a empolgante marcha fúnebre de Siegfried e alguns outros trechos favoritos, quase clareiras em tão densa floresta, para cujo correr o nosso pobre «dilettante» não sentia nervos nem folego.

O tentame da empresa não teve seguimento. A ópera francesa veio mais duas épocas, a preceder a temporada obrigatória da ópera italiana. Mas não mais se falou de ópera alemã. Wagner continuava limitado ao retalho das suas óperas nos concertos sinfónicos, num degenerado wagnerianismo que lhe amputava a síntese muito sua de teatro e de música e só lhe aceitava a orquestra, e na tal meia dúzia de passagens favoritas.

Em 1921 foi cantado em S. Carlos por uma companhia de ópera italiana, sob a direcção de Vittorio Gui, o *Parsifal*.

Estamos fora dos limites do século para século, mas já agora direi. O *Parsifal*, pelo seu carácter musical menos cromático que o *Tristão*, seu entredo menos complicado que o da Tetralogia; por uma preparação facilitada penos anos e pela audição de música sinfónica; pelo esplendor ainda como foi posto em cena; pela interpretação que teve com Rousselière, depois Fagoaga no protagonista, Maria Llacer na Kundry, o baixo Cirino no Gurnemanz, um belo barítono, cujo nome me esquece, talvez o Molinari, no Anfortas; foi acolhido com interesse e quase compreensão do público. Eu assisti à sua segunda representação, dada num domingo gordo. A empresa, num insistente aviso no corredor de acesso à sala, pediu aos espectadores respeito pela obra, porque c tenor partia no dia seguinte. E foi respeitado.

Vingaram-se os brincalhões na terça-feira, em que se cantavam os *Palhaços*, que ninguém pôde ouvir. A certa altura Pedro Blanch largou a batuta, ingenuamente irritado:

— Esto es una barbaridad...

René Bohet, que era o primeiro violino, tomou então a regência e lá foi seguindo. Mas associou-se à brincadeira. O «intermezzo» ou prelúdio do segundo acto mudou de andamento para um «allegro» saltitante, o que não deixou de demonstrar que a música está toda no ritmo. E em cena Canio e Nedda acabaram a comédia, não à facada, mas numa cómica dança de reconciliação.

Voltando a Wagner, que ficou, que irá ficar da sua mensagem nos públicos latinos?

Sim, porque nunca se viu «raté» mais glorioso que este Ricardo Wagner, cujos adeptos mais ferrenhos, fora da Alemanha, ouvem Wagner ao invés do que ele pretendia. Passaram-lhe para a música de concerto uns tantos trechos favoritos das suas óperas, mandaram ao diabo as tricas e as puerilidades dos deuses e semideuses do Walhala, desinteressam-se do próprio diálogo, que para eles pode ter mais palavra, menos palavra, e aceitam-lhe apenas o embalar musical duma colorida orquestra, na qual acaba estupeficientemente por lhes ser grato apanhar o tecido sem fim dos motivos condutores, agora nos primeiros violinos, depois nos segundos, nas violas ou nos contrabaixos, a seguir nas madeiras, nos metais, até na bateria, desfiados, sintetizados, modulados, diminuídos, ampliados, reconhecíveis, irreconhecíveis, mas reconduzidos mágicamente à sua audição, à sua compreensão.

Nada disto julgou fazer o homem da música do futuro, da ópera síntese de artes, onde a poesia não devia ficar afogada ou desprezada, em confronto com a música. Por isso o cantor wagneriano canta a sua mensagem em termos que lhe entendam, sem sacrifício a cadências ou quadraturas — quase como o nosso fadista, cujo texto cantado é seguido pelo ouvinte no murmúrio do acompanhamento. Mas fora da Alemanha, quem se dá ao trabalho de procurar perceber o que lhe canta o cantor wagneriano? Começa por faltar ao estrangeiro o conhecimento da língua alemã, e Wagner só em alemão deve ser ouvido.



Na primeira das nossas palestras falei um tanto de Vítor Maurel, criador do Iago do *Otello* e do *Falstaff*. Lembro-me muito, não dele, porque não cheguei a vê-lo, embora ele tivesse voltado a Lisboa em 1903, mas do que ele escreveu no seu livro *Dix ans de carrière*, no qual deixou anotada muita coisa das que lhe aconteceram, muita ideia das que lhe brotaram do cérebro sobre assuntos das óperas e de cantores e que escreveu, por fim: um capítulo sobre a arte lírica, à qual exigia um caráter de verosimilhança.

Com muita gente rica do seu tempo — as peregrinações de hoje não pedem resistência de bofes nem de pernas, mas dinheiro — foi

certo ano como peregrino a Bayreuth. Foi, gostou e soube gostar, pelo que escreveu:

Wagner, enquanto vivo, reinou sobre o mundo musical e reina ainda depois de morto: tem a sua cidade e o seu templo. Fiéis, convencidos, snobs, ou simplesmente curiosos, homens de todos os países e de todas as classes, são ali multidão.

«A viagem a Bayreuth tem toda a aparência de peregrinação e é muito justo, porque a arte que ali se pratica parece-se bem mais com um desses belos actos de fé que só uma religião sabe inspirar do que com uma reunião de coisas e de pessoas hábilmente agrupadas com o fim de se divertirem.

«Peregrino também, sofri a influência da fé admirável que mostravam todos os oficiantes, do mais humilde ao mais célebre, sem excepção.

«Foi uma alegria para mim recolher-me, no limite das minhas forças, com todos os verdadeiros fiéis, e à íntima satisfação de me sentir assim dominado pelo espectáculo dado aos meus olhos juntava-se um vivo desejo de conhecer as causas do efeito produzido na alma dos espectadores por estas obras grandiosas. Sem dúvida, a disposição particular do local, a iluminação, e mais ainda os prelúdios orquestrais de introdução a cada uma das partes da Tetralogia, não eram estranhas a este resultado, mas eram as causas profundas que eu teria querido determinar. Creio ter podido apurá-las claramente e desde já posso dizer que, na minha opinião, a força dramática de Wagner não é assim tão diferente da dos trágicos gregos, cujo estudo o Mestre fez tão profundamente.

«A imensa variedade de situações que compõe a obra wagneriana está, com efeito, submetida à lei da fatalidade e, ainda que as suas personagens sejam sobre-humanas, o homem é impressionado, de qualquer forma dominado por este terrível poder de *Fatalidade*, com o qual ele choca aliás na vida comum.

«Em França, sobretudo, acreditava-se que, glorificando com o título de inovador o autor do *Lohengrin* e do *Tannhäuser*, apenas se prestava homenagem à prodigiosa ciência musical do mestre alemão; depois pensou-se melhor, decretou-se que a maravilhosa imaginação de Ricardo Wagner, a profundidade das suas ideias, a largueza das suas vistas, tinham contribuído para fazerem dele o Messias da era nova no teatro.

«Na minha opinião, todos os grandes mestres se entregaram à procura da verosimilhança; a nova era do teatro por Wagner poderia, pois, ser com todo o direito a era da verosimilhança.

(*Continua*)

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

ASSEMBLEIA GERAL

DE 1951

**RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA  
REFERENTE AO EXERCÍCIO DE 1950**

Prezados consócios:

É muito grato à Junta Directiva do nosso Grupo poder apresentar mais uma vez a V. Ex.<sup>as</sup>, através deste relatório, a síntese do labor desenvolvido durante o ano de 1950, que se caracterizou pela firmeza e consolidação do seu passado prestigioso, ao serviço duma causa que conquista constantemente novos adeptos: a dum amor esclarecido a Lisboa e da propaganda das suas belezas.

A missão estatutária do nosso Grupo desenvolve-se serenamente e vai ao encontro dos objectivos da sua fundação, não só no efeito interno ou externo dos actos directivos, mas, o que é significativo, com a solidariedade colectiva de um núcleo já muito importante de sócios entusiastas, que acompanham com notável fidelidade o Grupo em todas as suas manifestações.

Este facto é tanto mais de salientar, quanto é certo que os «Amigos de Lisboa» se distribuem indistintamente por todas as graduações sociais e intelectuais, sem que isso traga à instituição qualquer desarmonia; antes pelo contrário, como tantas vezes tem sido evidenciado.

As nossas visitas de estudo distribuíram-se, como é costume, por grande diversidade de assuntos, como palácios, museus, templos, monumentos, instituições de benemerência e de interesse público, casas históricas, estabelecimentos de educação e de instrução, dando assim aos nossos consócios a possibilidade de aperfeiçoarem os seus conhecimentos da história da cidade e da sua vida presente, através das dissertações de pessoas da mais alta competência, que foram solicitadas para a explicação de cada tema.

Os serões olisiponenses realizados este ano, um no Liceu de Camões, o outro no Salão das Belas Artes, foram dois acontecimentos de grande significado, muito se tornando de lastimar que a lotação do último recinto atrás referido não

houvesse permitido satisfazer todas as inscrições que foram solicitadas à Secretaria.

De muito bom grado temos a assinalar o excelente acolhimento que obteve a nossa iniciativa de promover a visita aos novos trechos da cidade em auto-carros, permitindo aos nossos consócios percorrer còmodamente e num só dia quase todas as zonas citadinas onde mais se têm feito sentir os melhoramentos, nomeadamente o aglomerado de Alvalade e as plantações de Monsanto, dois empreendimentos dos que mais nobilitam a administração municipal lisbonense.

Fora dos acontecimentos dados a conhecer aos nossos Ex.<sup>mos</sup> consócios por meio de circular, occupou-se a Junta Directiva, nas suas reuniões, de vários problemas e casos de interesse olisiponense, que foram objecto das adequadas decisões, atendendo na medida do possível a consultas e alvitres, tendo sempre em vista o elevado culto que dentro desta casa se presta — a bem de Lisboa.

O Grupo manteve a sua representação habitual na Feira do Livro, por meio da qual se proporciona ao público alheio às nossas hostes, a facilidade de aquisição e escolha de obras especializadas da cultura olisiponense. Quanto aos nossos consócios, continua a facultar-se-lhe a compra de livros com reduções.

Também o encargo de depositários e distribuidores das edições da Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal se manteve no ano decorrido com satisfação para ambas as partes, apresentando-se por intermédio do Grupo as novidades da literatura olisiponense que a mesma Câmara vem editando com regularidade e constância dignas de todo o encómio.

---

Muito deploramos ter de comunicar que no ano de 1950 desapareceram para sempre do nosso convívio os consócios que em vida se chamaram

Dr. Eduardo da Cunha e Costa (Picoas)

Álvaro Ferreira

António Sobral

Dr. João Emauz Leite Ribeiro

Dr. Cândido Sotto Mayor

Eduardo Rios

Januário Augusto Paula

Dr. Armando Bastos

Eng.<sup>o</sup> Fernando Iglesias d'Oliveira

Coronel José Francisco Pires do Carmo

António Assunção Ramos

César Varela

José de Sousa Navarro de Andrade

Lino Teixeira de Carvalho

Brigadeiro Vasco Freire Themudo de Vera

António Iberico Nogueira

para quem a Direcção recomenda a V. Ex.<sup>as</sup> um sentido voto de pesar.

A Junta Directiva está efectivamente muito grata à Digníssima Comissão de Contas pela sua desvelada presença às reuniões mensais.

Propõe a V. Ex.<sup>as</sup> um voto de reconhecimento:

- a) a todas as entidades oficiais e particulares que receberam as nossas visitas de estudo;
- b) às pessoas que valorizaram essas visitas com as suas prelecções e estudos;
- c) às pessoas que intervieram na preparação e realização dos dois serões olisiponenses;
- d) à Imprensa de Lisboa e Porto pela publicidade atenciosa e carinhosa que sempre tem reservado à vida cultural do Grupo;
- e) aos autores das conferências pronunciadas no nosso salão.

As contas que com este Relatório apresentamos a V. Ex.<sup>as</sup> demonstram que as receitas habituais cobriram todas as despesas necessárias havendo a registar um saldo de exercício de Esc. 5.925\$18.

Para este bom resultado contribuíram o zelo do nosso pessoal, para quem propomos um justo voto de louvor, no qual compete destacar o chefe da secretaria e o guarda-livros.

A nossa sede — que não se reveste ainda da representação que o prestígio do Grupo exige — foi objecto de algumas beneficiações e arranjos que a tornaram mais agradável, projectando-se estender no ano de 1951 esses benefícios à Biblioteca.

O nosso boletim trimestral OLISIPO foi também objecto de uma remodelação gráfica, que, na apresentação do primeiro número já publicado, parece ter correspondido aos propósitos da Direcção.

Pensa a Junta Directiva levar a efeito no próximo ano a II Semana dos «Amigos de Lisboa», unicamente consagrada ao estudo urbanístico das quatro praças centrais da cidade: Rossio, Praça da Figueira, Restauradores e Praça de D. João II.

Damos a seguir o movimento dos nossos consócios durante o ano de 1950:

Existência em 1 de Janeiro de 1950 .....		1.402 sócios
Falecidos .....	16	
Demitidos .....	76	92
	—	—
		1.310
Readmitidos .....	4	
Admitidos .....	105	109
	—	—
Sócios em 31-12-1950 .....		1.419

Lisboa, 13 de Janeiro de 1951.

*A Junta Directiva*

## PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS REFERENTE AO ANO DE 1950

Ex.<sup>mas</sup> Consócios:

Para que se cumpra o determinado na letra dos nossos estatutos alínea B do Artigo 41.º a Comissão de Contas honra-se perante V. Ex.<sup>as</sup> apresentando o seu parecer acerca do movimento do nosso cultural Grupo «Amigos de Lisboa» exercido pela criteriosa acção dos Digníssimos componentes da Ex.<sup>ma</sup> Junta Directiva durante o ano transacto.

Nesta honrada missão de acompanhar os actos administrativos dos actuais Corpos Orgânicos, verificamos sempre com elevado sentido a prosperidade constante das nossas várias secções pondo em evidência a equilibrada situação financeira exemplo frisante de metódica administração, a valorização da nossa Biblioteca composta de obras com alta cotação no mercado livreiro e o elevado número de associados, demonstrando a visão das intelectualidades que formaram este agrupamento na certeza de serem compreendidos por todos os amigos desta encantadora Cidade Cristã. Ainda um pormenor merecedor da nossa atenção e que muito beneficia os Dignos consócios, são os melhoramentos levados a efeito em algumas dependências da Sede sem elevados encargos para a verba orçamental dando assim boa nota do cuidado que aos mais dedicados srs. Directores merecem as nossas instalações. Também dos prezados consócios têm merecido constantes louvores a contínua renovação do sistema de visitas culturais; aos srs. associados compete as suas aceitáveis referências, a nós compete-nos registar com vivo prazer estas manifestações de agrado que dá muita honra aos Digníssimos componentes da Secção de Movimento Cultural e Propaganda. Cumpre-nos também aqui mencionar a dedicação do prezado consócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alberto Schmidt que obsequiosamente nos tem proporcionado bons momentos de cinema de amadores e ainda com denodado entusiasmo vem de há anos filmando os nossos tradicionais passeios no Tejo.

Como respeitosa homenagem, registamos neste nosso parecer cordeais felicitações ao Ilustre Professor sr. Dr. Augusto Pires Celestino da Costa Dig.<sup>mo</sup> Presidente da Junta Directiva, pela desenvolvida palestra proferida no Brasil enaltecendo a nossa eterna Lisboa, integrada na série de eruditas conferências que realizou no dito País.

É nota dolorosa de sempre o falecimento de saudosos consócios. Este ano elevada a maior sentimento: perdemos um dedicado «Amigo de Lisboa», o sócio n.º 110, Ex.<sup>mc</sup> sr. Dr. Eduardo da Cunha e Costa (Picoas) que, apesar de nunca ter exercido cargos directivos, foi desde o início da nossa fundação um assíduo conselheiro de assuntos culturais e devotado benemérito, ofertando gravuras olisiponenses e valiosos livros para a nossa biblioteca. Pelos serviços de Secretaria temos sempre anotado uma disciplinada organização bem orientada pelo respectivo chefe sr. Caetano dos Reis, e assim terminamos por este ano, prezados consócios, a missão que nos incumbiram propondo à dignidade de V. Ex.<sup>as</sup> que aproveis:

— Registo de sentimento pelos saudosos consócios que não voltaremos a ver, com referência especial para o extinto sr. Dr. Eduardo da Cunha e Costa (Picoas), pela sua benemerência.

— Louvores à Ex.<sup>ma</sup> Junta Directiva e à dig.<sup>ma</sup> Secção de Movimento Cultural e Propaganda, dinâmicos organismos em constante actividade pelo prestígio do nosso cultural agrupamento.

— Unânime concordância no apresentado relatório e contas da Ex.<sup>ma</sup> Junta Directiva, pois que elucida claramente a firme continuidade do nosso Grupo.

Em 13 de Janeiro de 1951.

*A Comissão de Contas*

# ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DURANTE O ANO DE 1950

## VISITAS DE ESTUDO

- 16 de Abril — Ao *Aqueduto das Águas Livres*, dirigida pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.
- 7 de Maio — À *Ermida de Santo Amaro*, dirigida pelo Sr. Luís Moita e *Liceu D. João de Castro*, dirigida pelo Sr. Dr. Francisco Júlio Martins Sequeira.
- 21 de Maio — À *Liga dos Combatentes da Grande Guerra*, dirigida pelo Sr. Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes.
- 3 de Junho — À *Exposição Bibliográfica e Iconográfica local* na Escola Asilo de Alcântara, dirigida pelo Sr. Mário Costa.
- 25 de Junho — À *Igreja Paroquial de S. Pedro, em Alcântara*, e *Igreja das Flamengas*, dirigidas respectivamente pelos Srs. Padres Adriano da Silva Pereira Botelho e César Augusto Garcia, pároco de Alcântara e capelão das Flamengas.
- 9 de Julho — Ao *Museu de Castro Guimarães*, em Cascais, dirigida pelo respectivo Conservador Sr. Dr. Branquinho da Fonseca.
- 22 de Outubro — Ao *Palácio da Mitra — Casa dos Rapazes de Lisboa*, dirigida pelo seu assistente Sr. Padre Adriano.
- 12 de Novembro — Ao *Palácio do Conde de Óbidos — Cruz Vermelha Portuguesa*, dirigida pelo Sr. Tenente Campos e Sousa e com uma palestra escrita pelo Secretário Geral da Cruz Vermelha Portuguesa Sr. Coronel Carlos de Carvalho.

## CONFERÊNCIAS

- 4 de Março — Conferência na sede, sob o tema — *Do Sítio do Intendente*, pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 20 de Abril — Conferência na sede, sob o tema — *Alcântara na Actualidade e na Tradição*, pelo Sr. Mário Costa.

13 de Maio — Conferência na sede, sob o tema — *Um Passeio no Bairro Alto*, pelo Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.

#### SERÕES OLISIPONENSES

22 de Janeiro — Serão olisiponense no Ginásio do Liceu Camões, comemorativo do dia de S. Vicente, Padroeiro de Lisboa, com a colaboração artística da Emissora Nacional e uma conferência pelo Sr. Pedro Correia Marques, director do jornal «A Voz».

10 de Dezembro — Serão olisiponense de cinematografia, no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, organizado pelo Sr. Alberto Schmitz, e visita ao Salão de Inverno com palestra de crítica pelo Sr. Gustavo de Matos Sequeira.

#### CIRCUITO TURÍSTICO

21 e 26 de Fevereiro — Circuito Turístico da Lisboa Moderna em Auto-Carros.

#### PASSEIO NO TEJO

11 de Junho — Passeios no Tejo — De manhã, com palestra do Sr. Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves e visita ao Montijo; e de tarde, com palestra escrita pelo Sr. Ferreira de Andrade, com visita a Alcochete e recepção na Câmara Municipal.

# OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

JOIAS ◊ OURO ◊ PRATA ◊ RELÓGIOS

Rua Martins Moniz, 2-10 — Telefone 28336  
Rua da Mouraria, 7-11 —————> LISBOA

Telef. 20244 — Teleg. PAPELCAR

*Papelaria*

## CARLOS

de Carlos Ferreira, L.<sup>da</sup>

34, RUA DO OURO, 38

———— LISBOA ————



Especialidade em livros para  
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL



Grande sortido de artigos para  
DESENHO E ESCRITÓRIO

## Edições da "PORTUGALIA"

SOBRE LISBOA



### A CARAVELA E OS CORVOS

por *SUSANNE CHANTAL*. — Os  
oito séculos da história da Capital,  
num encantador livro de 500 páginas

30\$00

### A NOSSA LISBOA

por *MATOS SEQUEIRA* e *PAS-  
TOR DE MACEDO*. — Prémio « Jú-  
lio de Castilho » da C. M. L.

40\$00

### GUIA E PLANTA DE LISBOA

por *NORBERTO DE ARAÚJO* e  
*ANTONIO SOARES*.

Edição portuguesa . . . . . 15\$00

Edição francesa . . . . . 15\$00

Edição inglesa . . . . . 15\$00



À venda em todas as Livrarias

## COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores  
e mais lindos mobiliários

Cómodas de estilo — Porcelanas de Saxe — Espelhos de Veneza — Candeeiros de  
cristal, de ferro forjado e de madeira — Tapeçarias — Marquissetes e voiles suíços

————— Carpetes de lã —————

## COMPANHIA ALCOBIA

R. Ivens, 14 (esquina da R. Capelo)

———— TELEFONE 26441 ————

# CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA  
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para  
**HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

Preços fixos e marcados em todos os artigos  
ON PARLE FRANÇAIS      ENGLISH SPOKEN

## A Companhia Colonial de Navegação

assegura com os seus paquetes  
e navios de carga carreiras regulares  
para a África Portuguesa, para o  
Brasil e para a América do Norte

LISBOA

R. de S. Julião, 63

PORTO

R. Infante D. Henrique, 9

# ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA — EXCELENTE ESTRADA MARGINAL

Rápido serviço de comboios eléctricos—Clima excepcional durante todo o ano

**Todos os desportos:** Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.

**Estoril-Palácio-Hotel:** Moderno e elegante—Magnífica situação

**Hotel do Parque:** Todo o conforto — Anexo às termas.

**Monte-Estoril-Hotel:** (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado

**Estoril-Termas:** Estabelecimento Hidromineral e Fisioterápico, Análises Clínicas — Ginástica Médica — Maçagens.

**Tamariz:** Magníficas esplanadas sobre o mar, Restaurante-Bar.

PISCINA de água tépida — SALA DE ARMAS  
ESCOLA DE EQUITAÇÃO — STAND DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano  
Cinema — Concertos — Festas  
Dancing — Restaurante — Bars  
Jogos autorizados

Informações: Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

# ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES  
PROJECTOS DE ESTABILIDADE  
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e

Rua Fonseca Cardoso, 20, 2.º

TEL. (provisório) 5150 — PORTO



Escolhe-se o melhor quando se escolhe um **ELECTROLUX**

*Electrolux, Limitada*

**LISBOA**

**SEDE E EXPOSIÇÃO**

R. Pascoal de Melo, 7

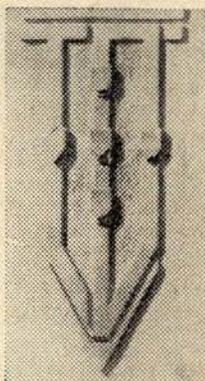
Telefs.: 48378 / 50516 / 54130

**EXPOSIÇÃO**

Av. da Liberdade, 141

Telefs.: 28246 / 32901

CAPTAÇÕES  
DE AGUA  
SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES  
DE TODOS  
OS GÉNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

Empresa de Sondagens e Fundações

**TEIXEIRA DUARTE, L.<sup>DA</sup>**

Rua da Betesga, 57, 3.º Esq.

**LISBOA**

# VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

«Emperor»  
«Five Crowns»  
«Six Grapes»  
«Imperial Dry»

— «Tawny» Velhíssimo  
— Muito velho e sêco  
— «Vintage» Velho do casco  
— «Ruby» Leve



**GUILHERME GRAHAM JNR. & C.<sup>A</sup>**

Rua dos Fanqueiros, 7  
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6  
Porto Tel. 26961/2

*Distribuidores no Sul*

**JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA**

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

# IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

# AMIGOS DE LISBOA

## EDIÇÕES

	PREÇOS PARA os sócios	PARA o público
A cor de Lisboa .....	10\$00	12\$00
Lisboa de ontem e de hoje, do sr. Rocha Martins .....	9\$00	10\$00
Noite de evocação do Leão de Ouro «Olisipo» n.º 3/8, 12/14, 16/17, 20/21, 23/24 .....	9\$00	10\$00
«Olisipo» n.º 25/50 .....	4\$00	5\$00
Urbanização de Lisboa .....	8\$00	10\$00
	4\$00	5\$00

### A. VIEIRA DA SILVA

A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças .....	9\$00	10\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa .....	10\$00	12\$50
Os Paços dos Duques de Bragança .....	9\$00	10\$00

### ALFREDO DA CUNHA

Olisipo, berço do periodismo português .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### ANTÓNIO R. DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão ...	9\$00	10\$00
Bagatelas do tempo vário .....	4\$00	5\$00
O Campo de Santa Clara .....	9\$00	10\$00
Ronda e Silva de Lisboa velha .....	4\$00	5\$00

### HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas .....	9\$00	10\$00
-------------------------------	-------	--------

### JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas no Torneio Real que se fez na Corte e cidade de Lisboa em 1795 ...	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### LUÍS MOITA

Ermida de Santo Amaro .....	9\$00	10\$00
-----------------------------	-------	--------

### LUÍS PASTOR DE MACEDO

Ascendentes de Camilo .....	12\$00	15\$00
-----------------------------	--------	--------

### LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no século XIX .....	4\$00	5\$00
--	-------	-------

### MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Igreja e o convento da Graça .....	9\$00	10\$00
--------------------------------------	-------	--------

### NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena monografia de S. Vicente .....	9\$00	10\$00
--	-------	--------

## CONSIGNAÇÕES

PREÇOS PARA os sócios o público

### AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca .....	18\$00	20\$00
-----------------------	--------	--------

### EDUARDO NEVES

Lisboa na Numismática e na Medalística .....	13\$50	15\$00
Do Sítio do Intendente .....	10\$00	12\$00

### FERREIRA DE ANDRADE

Do Convento de Nossa Senhora de Jesus	36\$00	40\$00
Relação das casas foreiras .....	13\$50	15\$00
Senado da Câmara e a Guerra civil .....	27\$00	30\$00
Três touradas no Terreiro do Paço .....	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa .....	45\$00	50\$00

### J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos .....	5\$00	7\$50
-------------------------------	-------	-------

### GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital Militar de Belém .....	18\$00	20\$00
---	--------	--------

### GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João .....	4\$00	5\$00
Lisboa (comédia) .....	18\$00	20\$00

### HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e Sombras medievais .....	45\$00	50\$00
----------------------------------	--------	--------

### HUGO RAPOSO

Primeiro Circuito de Lisboa Moderna em Transporte Colectivo .....	9\$00	10\$00
---	-------	--------

### JOÃO PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols. cada	9\$00	10\$00
--	-------	--------

### JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa .....	12\$00	15\$00
-------------------------------	--------	--------

### JULIETA FERRÃO

Lisboa, 1870 .....	9\$00	10\$00
--------------------	-------	--------

### LUÍS PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina .....	6\$00	7\$50
A Rua das Canastras .....	6\$50	8\$00
Crítica, correcções e aditamentos .....	5\$00	6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé .....	6\$50	7\$50

### MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto .....	6\$00	7\$50
Problemas da habitação .....	31\$50	35\$00

### MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Do Sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém .....	45\$00	50\$00
--	--------	--------

### ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa .....	7\$00	8\$00
--	-------	-------

### ROQUE GAMEIRO

Lisboa Velha .....	160\$00	180\$00
--------------------	---------	---------

### RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava os problemas da edilícia cidadina .....	4\$00	5\$00
--	-------	-------

### RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para a Heráldica Tumular moderna olisiponense .....	45\$00	50\$00
---	--------	--------

# COMPANHIA

DE

## DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada  
com o capital de Esc. 179.300.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Colónia  
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

*Cor. António Lopes Mateus*

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

*Mr. Firmin Van Brée*

VICE - PRESIDENTE

*Banco Burnay*

ADMINISTRADOR - DELEGADO

*Com. Ernesto de Vilhena*

Direcção Geral na Lunda

Director geral

*Eng.º Rolando Sucena Baptista  
de Sousa*

Representação em Luanda

Representante

*Cap. Mário Augusto  
da Costa*

# TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

# BENZO-DIACOL